

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 16 | Número 2 | Julho – Dezembro 2022
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

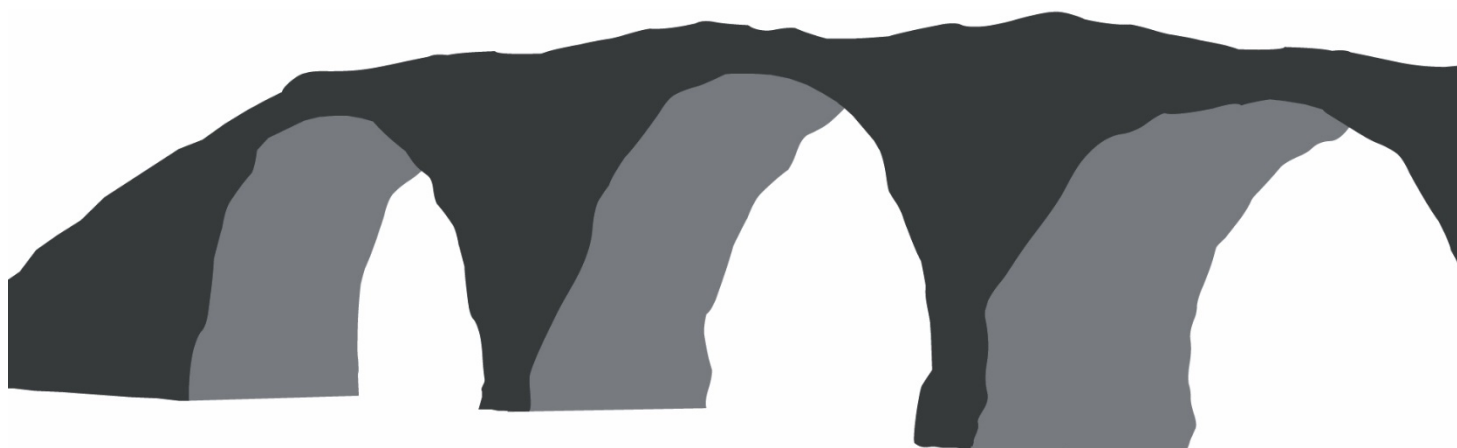
“CACHIMBOS DE GESSO”, DE “BARRO VERMELHO” E CHIBUQUES EM LISBOA: O CONSUMO DE TABACO NUMA CAPITAL EUROPEIA (SÉCULO XVII A MEADOS DO SÉCULO XVIII)

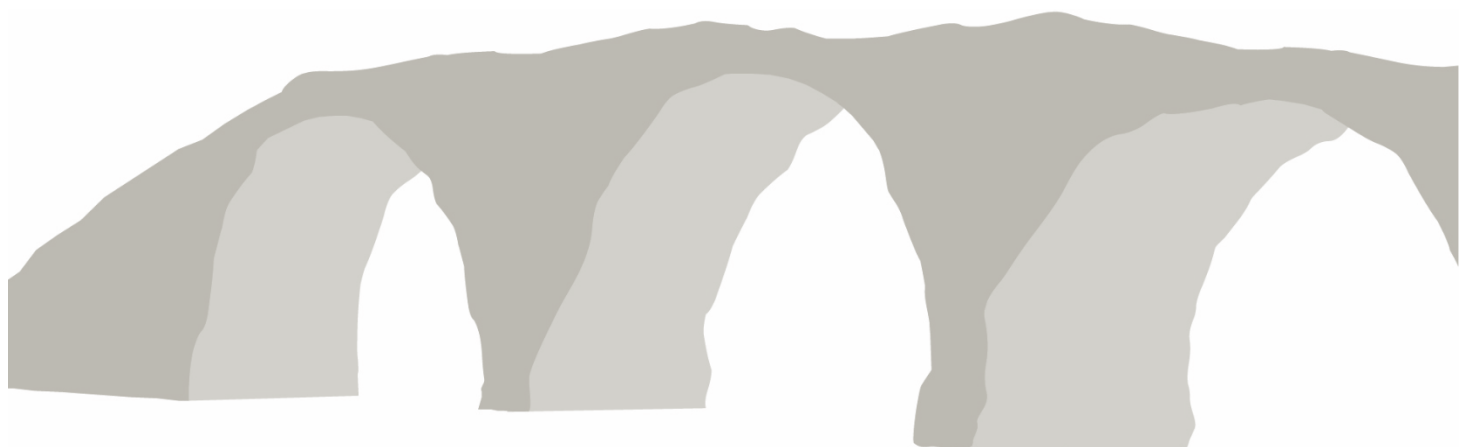
“PIPAS DE IESSO”, DE “BARRO ROJO” E CHIBUQUES EN LISBOA: EL CONSUMO DE TABACO EN UNA CAPITAL EUROPEA DEL SIGLO XVII A MEDIADOS DEL SIGLO XVIII

“PLASTER TOBACCO PIPES”, “RED CLAY” ONES AND CHIBUKS IN LISBON: TOBACCO CONSUMPTION IN A EUROPEAN CAPITAL, FROM 17TH UNTIL MID-18TH CENTURY

Rodrigo Banha da Silva

André Teixeira





Submetido em 31/01/2022.

Aceito em: 24/02/2022.

Publicado em 27/07/2022.

“CACHIMBOS DE GESSO”, DE “BARRO VERMELHO” E CHIBUQUES EM LISBOA: O CONSUMO DE TABACO NUMA CAPITAL EUROPEIA (SÉCULO XVII A MEADOS DO SÉCULO XVIII)

“PIPAS DE IESSO”, DE “BARRO ROJO” E CHIBUQUES EN LISBOA: EL CONSUMO DE TABACO EN UNA CAPITAL EUROPEA DEL SIGLO XVII A MEDIADOS DEL SIGLO XVIII

“PLASTER TOBACCO PIPES”, “RED CLAY” ONES AND CHIBUKS IN LISBON: TOBACCO CONSUMPTION IN A EUROPEAN CAPITAL, FROM 17TH UNTIL MID-18TH CENTURY

Rodrigo Banha da Silva¹

André Teixeira²

RESUMO

Lisboa constitui um caso singular no âmbito da Arqueologia Histórica, ao tratar-se da única capital de um império europeu destruída num evento único, o grande terramoto de 1 de Novembro de 1755. Esta condição da cidade transformou-a num amplo sítio arqueológico, objeto de numerosas escavações na atualidade, facultando dados valiosos para a leitura da denominada “Cultura do Tabaco”, da qual fazem parte os cachimbos cerâmicos. Com base nos elementos tornados públicos, os autores ensaiam uma síntese atualizada da presença de cachimbos nos contextos lisboetas, procurando aflorar a evolução do hábito de fumar e os seus ritmos, os seus enquadramentos sociais e as fontes de aprovisionamento que serviram a cidade entre o século XVII e meados do século XVIII, onde assoma uma produção local com carácter distinto das importações europeias contemporâneas.

Palavras-chave: cultura do tabaco, cachimbos de cerâmica, arqueologia moderna, arqueologia urbana, arqueologia colonial.

¹ Arqueólogo. Técnico superior do CAL-DPC-CML. Docente do departamento de História da FCSH-UNL. Investigador integrado do CHAM-FCSH e UAÇ. E-mail: rbds@fcsch.unl.pt ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9132-2336>.

² Investigador CHAM – Centro de Humanidades e docente do Departamento de História, FCSH, Universidade Nova de Lisboa. E-mail: andreteixeira@fcsch.unl.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5115-7145>.

RESUMEN

Lisboa es un caso único en el campo de la arqueología histórica, ya que es la única capital de un imperio europeo devastada en un solo evento, el gran terremoto del 1 de noviembre de 1755. Esta condición de la ciudad la transformó en un vasto sitio arqueológico, objeto de numerosas excavaciones en la actualidad, proporcionando valiosos datos para la lectura de la llamada «Cultura del Tabaco», de la cual hacen parte las pipas de cerámica. A partir de los datos disponibles, los autores presentan una síntesis actualizada de la presencia de pipas en contextos arqueológicos de Lisboa, buscando destacar la evolución del hábito de fumar y sus ritmos, sus entramados sociales y las fuentes de suministro a la ciudad entre el siglo XVII y mediados del siglo XVIII, donde se destaca una producción local, con un carácter diferenciado de las importaciones europeas contemporáneas.

Palabras clave: tabaco, pipas cerámicas, arqueología moderna, arqueología urbana, arqueología colonial.

ABSTRACT

Lisbon is a peculiar disciplinary case for Historical Archaeology, since is the only European empire capital destroyed in a singular event, the 1755 Big Earthquake on the 1st November. This transformed the city in a wide archaeological site, where numerous excavations are carried out on a daily basis, providing valuable and significant data for “Tobacco Culture” study, clay tobacco pipes being a part of it. Based mainly on public information, both published and displayed, the authors provide an actualized synthesis on clay tobacco pipes presence in Lisbon’s archaeological contexts, trying to update data and to provide readings on the evolution of smoking habits, relating it to respective social environments, and to enlighten on providing sources used by the town between the 17th century and middle 18th century, being mention worthy a 17th century local fabric of distinctive features regarding contemporary European imports.

Keywords: tobacco culture, clay tobacco pipes, early modern archaeology, urban archaeology, colonial archaeology.

INTRODUÇÃO

A investigação sobre a “Cultura do Tabaco”, isto é, o cultivo, processamento, organização da comercialização, usos e finalidades do conjunto de hábitos associados ao consumo desta planta, há muito vem sendo desenvolvida pela historiografia portuguesa, sobretudo nas dimensões económica e institucional (vide, entre muitos outros, Luxán, 2014 e Luxán *et al.*, 2015).

As referências documentais ao fumo do tabaco situam-nos a introdução do seu uso pelos colonos europeus do Brasil ainda na primeira metade do século XVI (Leite, 1956; Viotti, 2020), sendo especialmente relevante a carta datada da década de 1550 do Padre Manuel da Nóbrega ao irmão jesuíta Simão fazendo referência a D. Vasco Fernandes Coutinho, capitão donatário do Estado do Espírito Santo, nomeado pelo rei D. João III em 1534 (Leite 1956; Oliveira, 1975, p. 69 *apud* Saletto, 1998, p. 16).

É fulcral, também, perceber-se que o ato de fumar tabaco comportou implicações morais para os colonos europeus, por se tratar de um hábito indígena. Foi este um dos objetos do confronto direto entre o primeiro bispo do Brasil, D. Pero Fernandes Sardinha, que advogava a profunda imoralidade de fumar, e o referido D. Vasco Fernandes Coutinho, juntamente com outros “homens baixos”, constituindo aliás um dos fundamentos da sua excomunhão. Este conflito opôs também o prelado ao Governador-Geral, D. Duarte da Costa, e, de forma genérica, aos missionários Jesuítas (Oliveira, 1975; Saletto, 1998; Viotti, 2020).

Se no Brasil colonial se digladiaram perspectivas bem opostas em relação ao hábito de fumar em meados de quinhentos, em Portugal, não só o hábito parece não se ter vulgarizado ainda nos finais do século XVI, como se afigurava como prática censurável, associada a práticas criolizadas e a estados alterados de consciência conexos (Sousa, 2020). A exemplificá-lo merece reprodução o trecho do processo inquisitorial de Iria Álvares, sentenciada de crença gentílica e superstições em 1595:

“(...) Jria alurẽz negra brasjlla ladjna forra (...) per ella foj djtto [...] que soo lhe lẽbra que auera alguns ojto anos que na bahia andou entre os Jndjos gentios e tambem christãos huã abusão a que chamauão Sanctidade, e (...) abja tambem brasis christãos que tjnhão a djtta abusão e fazjam as ceremonjas della que erão bajar, e Jogar apontando cõ os dedos e tomar os fumos da erua que chamão em portugal erua sancta [tabaco] e dezjam que aquella abusão era cousa de deos no qual tempo ella paruoamente alguns tres djas andou cõ esta djtta abusão bajlando e fazendo os djtos folgazes cõ os dedos e tomou duas bezes os fumos sobredjtts (...)”³. (Sousa, 2020, p. 1775).

A prática de fumo do tabaco em Portugal, apesar de mais comumente aceite no século XVII, período durante o qual se difundiu de maneira declarada, não deixou de ser vista como censurável e socialmente imprópria, em especial para os elementos mais destacados da sociedade (Serdoura, 2019, p. 29-30). Tratava-se, além disso, de uma visão europeia mais transversal e alargada, de que é expressão a promulgação de uma bula papal proibindo o consumo de tabaco durante os serviços religiosos, por Sisto V (1595-1590), como pouco mais tarde nova bula de Urbano VIII (1628), proibindo o fumo nas Igrejas.

Neste particular, os clérigos masculinos de Portugal, muito envolvidos no cultivo ilegal e no contrabando do tabaco (Figueirôa-Rego, 2014), parecem não ter sido especialmente respeitosos para com a normativa

³ ANTT, *Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa*, Proc. 1335, fol. 11, transcrito em Sousa, 2020, p. 1775.

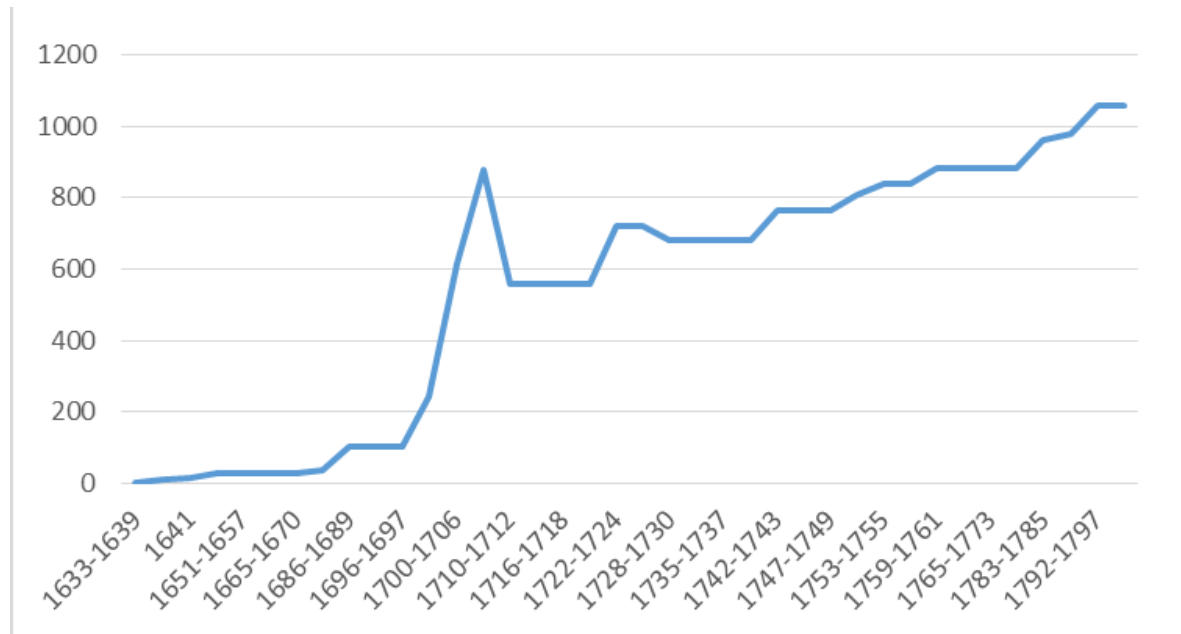
eclesiástica de proibição do fumo. As referências documentais denunciam a geografia ampla do incumprimento, por exemplo em Guimarães em 1651, quando se “(...) recomendava que «conuinha mandarse q.no Choro se não tome [fumo do] tabaco por ser mt^o indecente tomarse nelle” (Figueirôa-Rego, 2014, p. 99), como em 1676 com teor similar foi repetido para a paroquial de São Miguel da Palmeira (Figueirôa-Rego, 2014, p. 111), localidade costeira um pouco a norte da cidade do Porto. Refletindo esta perspetiva negativa em relação aos hábitos tabágicos, em 1698 se publicou em Portugal «Censura do tabaco pelo Reverendo Jheronimo da Motta Abbade de Santa Maria de Mujães termo de Barcelos», onde se afirma ser coisa de “cafres, gente pagã conluiada com o diabo (...) nunca devia ter atravessado o atlântico” (Silva, 1986).

A perspetiva não era, todavia, monolítica (Serdoura, 2019, p. 29-30). Um bom exemplo de contraponto à censura moral foi dado em 1721 pelo Padre Rafael Bluteau, clérigo regular que afirma a iniquidade do hábito:

“Alguns Theologos moraes, cujo temperamento se não conformava com o Tabaco, querendo dar a entender, que no tomallo havia pacto com o demónio, derão por razão, que quem hua vez se costumava a elle se não podia tirar deste costume. Posso dizer, & digo, que em mim não teve effeyto semelhante pacto, Tomey Tabaco trinta anos contínuos, de dia, a cada passo, & muytas vezes de nojte; sem renunciar o pacto suposto, deixey de repente o Tabaco, haverá vinte anos, que com esta abstinência me acho com tão boa saúde, como dantes” (Bluteau, 1721, p.4 *apud* Silva, 1986, p. 22-23).

Ainda no que diz respeito aos hábitos tabágicos em Portugal, no fim do século XVIII o capelão protestante da delegação sueca em Portugal, Carl Israel Ruders, nas suas epístolas reunidas no *Portugisisk Resa*, registou que os portugueses preferem o consumo pelo cheiro (rapé), dado que “não suportam o cheiro a [fumo de] tabaco”, o qual, aliás, “não é fumado por ninguém, a não ser pela plebe baixa”, sendo que os cachimbos “não [são] usados senão por estrangeiros, e causam sempre a admiração de todos” (Sousa, 2020, p. 16). A escassa iconografia azulejar seiscentista e setecentista lisboeta assinala esta dimensão exótica do fumo por cachimbo referida pelo pastor sueco mas, em contrapartida, retrata-nos personagens que dificilmente identificaríamos como de baixa condição social (vide recolha reproduzida por Miguel Martins de Sousa, 2020). A exploração e plantio do tabaco no império português cedo mereceu a especial atenção da Coroa, que constituiu um monopólio fiscal a partir da década de 1620, arrendada a partir de 1633, a denominada contratação do tabaco. A vertiginosa subida dos valores de arrematação a partir de inícios de setecentos traduz a importância crescente do monopólio (Figura 1), de onde a Coroa retirava mais de 10% do total das suas receitas fiscais em finais da centúria de setecentos, evolução que bem evoca os ritmos da própria produção ao longo dos séculos XVII e XVIII.

Tabela 1. Evolução do preço do arrendamento do “contrato do tabaco” pela Coroa portuguesa (valores em milhões de réis- conf. Salgado, 2014 e Costa & Salgado, 2018).



Várias dimensões históricas do tabaco são-nos, portanto, bem conhecidas através da documentação escrita (veja-se ponto de situação da historiografia em Luxán *et al.*, 2015). O conhecimento dos contornos antropológicos do fumo do tabaco em Portugal são, porém, muito pouco notórios na documentação escrita e iconográfica e, como se viu, por vezes até contraditórios. Deste modo, o contributo da arqueologia é decisivo para a definição dos ritmos do hábito de fumar, permitindo também situar os contextos sociais em que este se produziu.

A ARQUEOLOGIA DOS CACHIMBOS CERÂMICOS EM LISBOA

A construção do metropolitano de Lisboa marcou o arranque da Arqueologia Moderna portuguesa, ao ter, em 1960, espoletado um extenso e pioneiro salvamento arqueológico em pleno coração da capital portuguesa, o remanescente do Hospital Real de Todos-Os-Santos, conservado no subsolo da Praça da Figueira. Os resultados dos trabalhos foram rapidamente publicados (Moita, 1964, 1965, 1966a e 1966b), sendo aqui apresentado, pela primeira vez em Portugal, um pequeno conjunto de quatro cachimbos dos séculos XVII-XVIII (Moita, 1965, p. 75, Est. XV n.º 212), três deles depois revisitados (Martins, 1988), desta forma se inaugurando os estudos arqueológicos sobre o tema.

De alguma forma reflexo da paralisação da arqueologia na capital portuguesa, ocorrida entre os finais da década de 1960 e os inícios da década de 1980, só em 1983 se retomou, e de forma tímida, a publicação de cachimbos recolhidos em estratigrafia, casos dos exemplares coletados nas escavações de 1981/82 na “Casa dos Bicos” (Amaro, 1983, p. 263), ou de um fragmento de cachimbo proveniente de trabalhos de arqueologia no Mosteiro de São Vicente de Fora (Ferreira, 1983, p. 28, n.º 25).

À data, aliás, o panorama geral português da Arqueologia Moderna não era o mais brilhante, e o estudo dos cachimbos, tão nuclear dentro da área disciplinar, permanecia aspeto marginal. Dele se excetua o caso do Hospital do Espírito Santo, edifício erguido no século XV pela Confraria dos Pescadores e Marítimos da Vila de Sesimbra e desativado na sequência do terramoto de 1755: sujeito a escavações estratigráficas em 1973 e de 1979 a 1981, pela primeira vez Eduardo da Cunha Serrão ali ensaiou, com apropriado critério e metodologias arqueológicas, a determinação de origem, classificação tipológica e datação do conjunto recolhido de cachimbos importados (Lyster Franco *et al.*, 1984/88, p. 167-168 e figuras 23-26, p. 178-181).

Apesar do reconhecimento do potencial informativo proporcionado pelo estudo dos cachimbos (Silva & Guinote, 1998, p. 87-90; Hyssa, 2018; Serdoura, 2019), só a partir de 2003 o tema foi definitivamente retomado em Portugal, com a publicação dos conjuntos datados dos séculos XVII e XVIII recolhidos na cidade do Porto, no edifício da antiga alfândega (Pereira, 2003), como em Lisboa, nas escavações da antiga prisão dos soldados, no Castelo de São Jorge (Calado *et al.*, 2003; Pimenta *et al.*, 2008). A partir daquela data, a referência à presença destes elementos nas estratigrafias de Época Moderna tornou-se recorrente, alargando de sobremaneira o conhecimento, quer da geografia da sua difusão, quer dos enquadramentos históricos e sociais que lhe estão associados. Neste sentido, os conjuntos provenientes de Lisboa entretanto publicados são já suficientes para se ensaiar uma primeira tentativa de síntese, objetivo primeiro do presente trabalho.

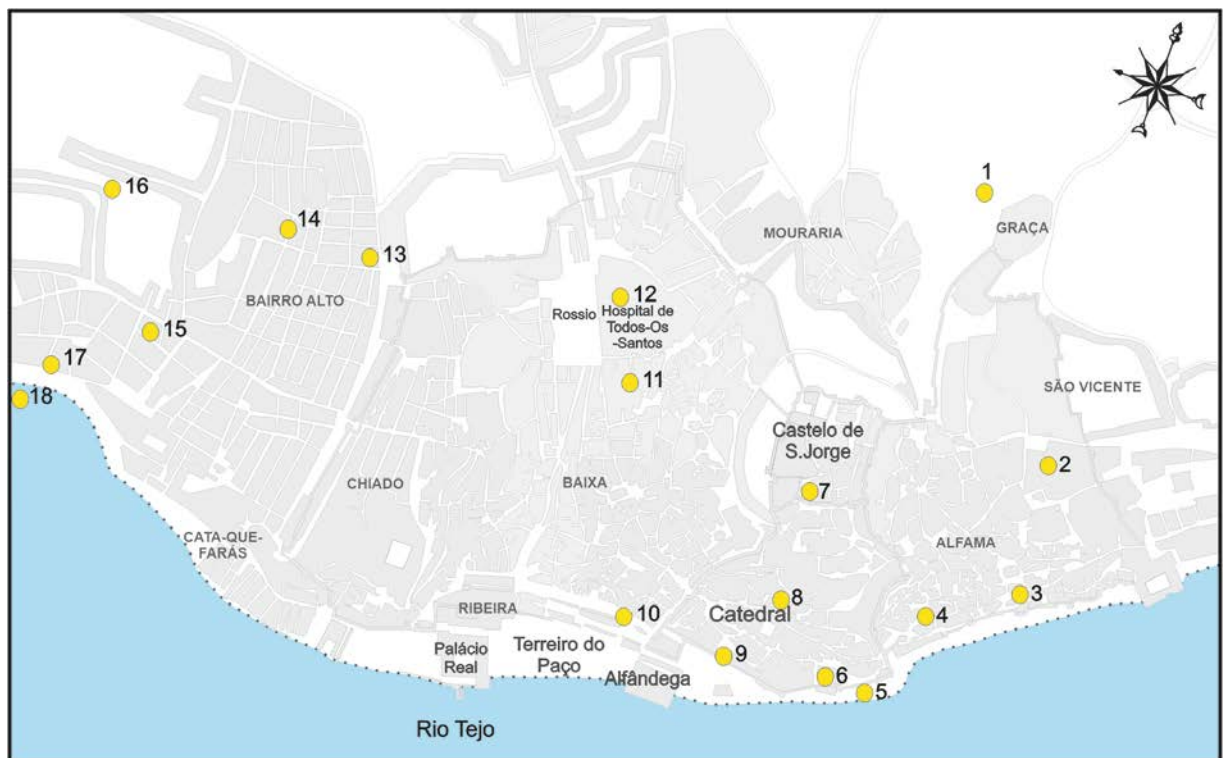


Figura 1. Planta de Lisboa anterior ao terremoto de 1755 com localização aproximada dos locais referidos no texto: 1 – Rua Damasceno Monteiro; 2 – Mosteiro de São Vicente de Fora; 3 – Beco do Espírito Santo; 4 – Beco das Barrelas; 5 – Largo do Terreiro do Trigo; 6 – Armazéns Sommer/Palácio do Conde de Coculim; Caminho da Ronda 1/Prisão dos Soldados; 8 – Rua de São Mamede ao Caldas; 9 – Casa dos Bicos; 10 – Sítio do Hotel Vincci; 11 – Rua dos Correiros; 12 – Hospital Real de Todos-Os-Santos; Palácio dos Marquês de Marialva; 14 – Convento dos Inglesinhos; 15 – Palácio Mesquitela; 16 – Convento de Jesus; 17 – Mercado da Ribeira; 18 – Naufrágio Boavista 2.

AS PRODUÇÕES ATESTADAS EM LISBOA

Os cachimbos são presença forte na cultura material identificada na cidade em contextos do século XVII a meados da centúria seguinte. O estudo elaborado sobre uma base mais alargada de categorias cerâmicas compreendendo aquela cronologia em Lisboa é, a esse respeito, bem ilustrativo: numa amostragem superior aos 8.000 fragmentos cerâmicos e vítreos recolhidos nos contextos associados ao antigo forte de São Paulo (Ferreira, 2015), na frente ribeirinha ocidental da cidade, os cachimbos atingem 11,93% do total de indivíduos, valor apenas suplantado pela “cerâmica comum” (22,73%) e pela faiança portuguesa, que domina o universo material (53,93%) (Ferreira *et al.*, 2020, p. 1759, gráfico 1).

Desde os primeiros estudos que se assinalou a presença em Lisboa de cachimbos cerâmicos de produção britânica e holandesas. Uma referência manuscrita de 1724, um alvará de D. João V autorizando a constituição de uma companhia de mercadores lisboetas destinada ao comércio de escravos de África para o Brasil, usa a expressão «cachimbos de gesso», mercadoria de bordo que o rei isenta de impostos (Serdoura, 2019, p. 72), conhecendo-se o papel fundamental do tabaco e do próprio cachimbo para o tráfico dos chamados “escravos de fumo” (Figueirôa-Rego, 2014). Seria portanto «cachimbos de gesso» a designação como seriam conhecidos no século XVIII em espaço português os cachimbos em argila caulínica ou “brancos”.

Outros fabricos surgiram também na capital portuguesa desde as primeiras etapas da investigação, em posição manifestamente minoritária e apresentando características de fabrico e tipologias formais bem diferenciadas dos “cachimbos de gesso”: um primeiro grupo apresentava uma haste mais curta que os congêneres “brancos”, um polimento intenso das superfícies, um forninho mais ou menos troncocónico desprovido de pedúnculo e, na sua confeção, fazia uso de “barro vermelho”, cozido em atmosferas, quer eminentemente oxidantes, quer declaradamente redutoras; um segundo grupo, nitidamente marginal, equivale a exemplares de chibuke, ou seja, cachimbos orientais, detetados somente em dois sítios lisboetas.



Figura 2. Cachimbos importados de Lisboa: fabricos ingleses (1-12), holandeses (13-25), francês (26), fragmento de cachimbo em vidro italiano? (27) e chibouques otomanos (28-30). 1, 13, 14 – Palácio Mesquitela; 2 a 4 – Convento dos Inglesinhos (seg. Simão et al., 2020); 5, 6 – Mercado da Ribeira (seg. Pinto et al., 2011 e Ferreira, 2015); 7, 9, 10, 15, 16, 18 a 23, 26 e 27 – Palácio Marialva (fotos do autor RBS); 8, 17 e 30 – Caminho da Ronda 1 / Prisão dos Soldados (seg. Pimenta et al., 2008); 11 – Naufrágio Boavista 2 (seg. Bettencourt et al., 2013); 24, 25 – Sítio do Hotel Vincci (Souza et al., no prelo); 28, 29 – Largo do Terreiro do Trigo (Souza et al., 2021).

PRODUÇÕES DAS ILHAS BRITÂNICAS

As produções das ilhas britânicas mais antigas, iniciadas no último quartel do século XVI, ou pouco antes (Hissa & Lima, 2017, p.232), são para já completamente desconhecidas em Lisboa, pois estão ausentes do seu registo arqueológico os tipos 1-3 definidos por Atkinson e Oswald, situados cronologicamente no lapso 1580-1610 (Oswald & Atkinson, 1969, p. 177 e figura I).

As tipologias de forninhos a que os mesmos investigadores atribuíram cronologias a partir de 1610 (Atkinson & Oswald, 1969, p. 178, figura I) surgem já nos contextos arqueológicos lisboetas, designadamente no Mercado da Ribeira (Pinto *et al.*, 2011), Palácio dos Marquês de Marialva (Calado *et al.*, 2013), Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos (Simão *et al.*, 2020).

Aos primeiros momentos das importações inglesas em Lisboa equivale a marca S, de um lado do pedúnculo, e *R, no lado oposto, recolhida no Mercado da Ribeira mas não classificada (Pinto *et al.*, 2011, p. 46, n.º 13). Trata-se de uma produção atribuível a Samuel Ridley, um dos mestres fabricantes de cachimbo que integrou, em 1619, a “Tobacco Pipe Makers Company” (Oswald, 1975, p. 131), a corporação constituída com autorização da cidade e a quem o rei Jaime I então concedeu carta de monopólio do fabrico de cachimbos na Inglaterra e em Gales (Walker, 1971b; Hissa & Lima, 2017, p. 232-233). Uma outra marca do mesmo sítio, uma estrela de seis pontas em relevo num dos lados do pedúnculo, interpretada como rosa tudor (Pinto *et al.*, 2011, p. 46, n.º 10), é também marca londrina da primeira metade do século XVII.

Do Palácio Mesquitela provém um forninho que, de acordo com a proposta tipológica da evolução dos forninhos de Atkinson e Oswald (1969, p. 177, tipo 5), deverá datar de 1610-1640, data anterior à construção do palácio. Ostenta a marca RB, encontrando-se o B mal gravado, como é normal nesta “assinatura”, correspondente ao produtor Richard Berryman, fabricante ativo na cidade de Bristol no período de 1619-1652 (Walker, 1971a *apud* Simão *et al.*, 2020, p. 1764, figura 8, n.º 13).

Três forninhos isentos de marca do tipo “base em forma de coração” (Atkinson & Oswald, 1969, p. 177, tipos 11 e 12) foram identificados no Convento dos Inglesinhos (Simão *et al.*, 2020, p. 1762, figura 6, n.ºs 13, 14 e 16), ilustrando as importações inglesas ocorridas no lapso temporal de 1640 a 1670.

Dois cachimbos ingleses identificados nos aterros ribeirinhos na Rua do Terreiro do Trigo mostram impressões SF de um caracter de cada lado do pedúnculo, atribuível a Ferdinando Smith (ou Francis Saywell ou Francis Stray), e RI de um caracter de cada lado do Pedúnculo, atribuível a Joseph Rande (ou John Roome, John Reynolds ou James Roome), e podem encaixar na segunda metade de seiscentos a c.1730 (Sousa *et al.*, 2020, p. 1783, tabela 1).

Nas escavações do necrotério do deambulatório sul do claustro do Convento de Jesus identificou-se um fragmento com arranque de forninho com as iniciais I e P de cada lado do pedúnculo, marca bem conhecida em Bristol, usada entre finais do século XVII e meados do século seguinte, pois ali se encontram atestados nove fabricantes que utilizaram estas iniciais, entre eles Jacob Prosser, John Prosser e John Poyte (Peacey, 1996; Price, 2014; Cardoso, 2017, p. 108).

Da prisão dos soldados no Castelo de São Jorge provém dois forninhos dissemelhantes tipologicamente entre si, mostrando no pedúnculo em relevo um I, de um lado, e um C, no oposto. Foi antes aventada a hipótese de equivalerem, com reservas, a fabricos de James Colquhoun, escocês de Glasgow ativo entre 1690 e 1710 (Calado *et al.*, 2003, p. 65; Pimenta *et al.*, 2008, p. 337). Na realidade, Oswald publicou dois cachimbos com marca idêntica às lisboetas identificadas no extremo sul da Escócia, em Linlithgow Palace e Kielder Valley

(Oswald, 1975, p. 44 e figura 5, n.ºs 5 e 6). O estudo sobre o Forte de St. Andrew, instalado em 1698, e Darien, colónia escocesa que lhe sucedeu fundada no fim de 1699 no Istmo do Panamá e logo desfeita no ano seguinte (Horton *et al.*, 1987), traz dados mais categóricos: não só as marcas encontradas no sítio arqueológico panamiano são idênticas (Horton *et al.*, 1987, p. 244, n.ºs 15 e 16), como se sabe que correspondem a uma encomenda feita e despachada por James Colquhoun em 1699 de 109 grosas (uma grosa=doze dezenas) de “*short Caledonia pipes*” (*i.e.*, 15.696 cachimbos) e 20 grosas de cachimbos longos (2.080), embarcada no rio Clyde no navio *Rising Sun* com destino à colónia das Américas (Horton *et al.*, 1987, p. 240). Talvez a este grupo pertença também um mal conservado fragmento do mesmo contexto conservando legível um C no lado de um pedúnculo, antes interpretado como crescente (Pimenta *et al.*, 2008, p. 337).

Um caso problemático de marca encontrada no Palácio dos Marqueses de Marialva corresponde à impressão na face do pedúnculo de uma pequena coroa, colocada deitada e ladeada à esquerda por miniatura de cachimbo. Ausente da publicação do conjunto do sítio (Calado *et al.*, 2013), não dispomos de paralelo exato para ela. Todavia, o caderno de apontamento manuscritos de David Atkinson “London. Early Pipes. Molded Initials II”⁴ permitiu repertoriar entre as impressões londrinas múltiplos exemplos contendo miniatura/s de cachimbo e uma frequência alta de marcas com iniciais coroadas da mesma forma que a impressão lisboeta, datadas sobretudo da transição entre os séculos XVII e XVIII, o que se nos afigura suficiente para elucidar origem e cronologia do exemplar lisboeta.

A marca inglesa incusa RT na parede de forninho surgiu no Mercado da Ribeira (Ferreira, 2015, p. 294) e pertence a um dos três Roberts de uma mesma família Tippet de escravos alforriados, ativa em Bristol entre 1680 a 1760. A tipologia evolucionada do forninho, e os esclarecimentos avançados por Roger Price (1984, 2014) à intricada sucessão de membros da dita família, autorizam a sua atribuição ao segundo ou terceiro Robert Tippet, ativos até cerca de 1720/2, sendo mais provável que a confeção tenha acontecido já na fase da gestão da oficina pela filha/irmã e cunhado, após o falecimento de ambos (Walker, 1971a; 1976), e cujos produtos foram encontrados no naufrágio de 1760 de Baie-des Chaleurs, na fronteira das províncias canadianas do Quebeque e Nova Brunswick, como no *King's Bastion* do Forte de Louisbourg (Nova Escócia), estrutura militar instalada a partir de 1755 (Walker, 1976).

Um conjunto de três cachimbos também recolhidos na prisão dos soldados mostra o que foi antes interpretado como as letras A e M coroadas, em relevo e em cada lado do pedúnculo, tendo-se propondo uma origem eventual em Londres (Calado *et al.*, 2008, p. 337). A revisão dos dados a que agora se procede aqui permitiu esclarecer trataram-se de cachimbos compulsados antes em Chester, um dos mais importantes centros produtores ingleses a seguir a Londres e Bristol, provavelmente pela mão de William Meakin, de acordo com a leitura de A. Noel-Hume, que o repertoriou como escravo alforriado em 1747 e realçou a presença de cachimbos com estas mesmas marcas em contextos estratigráficos de Williamsburgh (Virginia), datados globalmente de 1750-1760 (Noel-Hume, 1963, p. 23 *apud* Walker, 1976).

Do mesmo local se assinalam duas marcas incusas na parte mesial da haste por John Stephens (Calado *et al.*, 2003, p. 86, n.ºs 19 e 21), fabricante operacional no Hampshire entre 1708 e 1751, que aparece mencionado em 1751 como aprendiz em Newport, porto na Ilha de Wight (informação prestada por Oswald & Atkinson, 1968), valendo a pena recordar aqui o achado já mencionado atrás de um outro exemplar idêntico na vila piscatória de Sesimbra, ao sul de Lisboa (Lyster-Franco, 1984/88, figura 26). Três outros forninhos do

⁴ Retrieved from http://www.pipearchive.co.uk/pdfs/Clay/Atkinson/LIVNP%202012_06_230_London_II.pdf

mesmo contexto apresentavam a marca □ S num dos lados do pequeno pedúnculo, e IC no oposto, equivalendo a produções de Hartlepool, porto no NO da costa inglesa (Condado de Durham), datados de entre 1710-1750 (Pimenta *et al.*, 2008, p. 337).

Completam o contingente britânico encontrado na prisão dos soldados do Castelo de São Jorge dois fragmentos muito mal preservados e incompletos de marca incusa na parte mesial das hastes, atribuíveis a William Sidney (Pimenta *et al.*, 2008, p. 337), elemento pertencente a uma família relevante de produtores de cachimbos de Southampton, equivalendo a um produto do segundo indivíduo deste nome, que tomou a oficina à morte de seu pai em 1741 e terá laborado até c. 1750 (Higgins, 2014, p. 132).

As marcas TD (parede do forninho) e WG (um caracter de cada lado do pedúnculo) foram identificadas num exemplar recolhido num carneiro (ossário) em São Vicente de Fora (Ferreira, 1983, p. 28, n.º 25), contexto arqueológico onde marcava presença um raro e amplo conjunto de fragmentos de paramento e indumentária religiosa, para além de muitos objectos devocionais, cerâmicas e vidros dos séculos XVII e XVIII (Ferreira, 1983). Em numerosos campos militares da revolução estado-unidense estão repertoriados cachimbos com as mesmas marcas de oficina patentes no fragmento do mosteiro lisboeta, defendendo Iain Walker, em função das cronologias de ocupação bem fixadas para os sítios castrenses, que este tipo não pode ser anterior a meados do século XVIII (Walker, 1976). A marca TD é atribuível a Thomas Dorner, rico mercador de Londres, invariavelmente aposta na parede dos forninhos entre 1740 e 1780 e com uma ampla difusão, quer na Grã-Bretanha, quer no norte do continente americano (Walker, 1983, p. 12-19 e 86-87). O produtor aparece-nos representado em Lisboa por duas outras elaborações suas, no Palácio dos Marqueses de Marialva, em ambos os casos ostentando um coração de cada lado dos pedúnculos, confirmando no caso uma datação em torno de 1755 (Calado *et al.*, 2013, p. 388).

Casos raros na arqueologia lisboeta são os achados de cachimbos ingleses com o forninho decorado em relevo com motivos heráldicos, produção iniciada na década de 1740, com evidente dimensão propagandística relacionada com a Casa de Hannover, a criação do Reino Unido decorrente do tratado de 1707, ou a lealdade para com o Príncipe de Gales (Atkinson & Oswald, 1980, p. 370; Le Chaminant, 1981). Um fragmento completo preservando o forninho decorado com as armas reais de George III e, no lado oposto, os símbolos do Príncipe de Gales (Bettencourt *et al.*, 2013, p. 42, figura 37) estava incluído na estratigrafia depositada sobre os restos de um naufrágio na zona da antiga praia da Boavista (navio denominado Boavista 2- Simão *et al.*, 2017). Um outro pequeno fragmento surgiu no Palácio dos Marqueses de Marialva, mas não foi objecto de publicação (Calado *et al.*, 2013). Preservando somente a parte posterior do forninho, mostra o eixo distal deste ornado com folhagem e preserva parte do unicórnio rompante que ladeava pela direita o escudo britânico. Ambos os modelos parecem ter saído sobretudo das oficinas londrinas, sendo um dos primeiros e mais repertoriados produtores o mesmo Thomas Dorner já mencionado (Atkinson & Oswald, 1980, p. 370), documentado com produtos seus destes tipos armoados no continente americano em Port Royal, Williamsburg e Louisbourg (Atkinson & Oswald, 1980, p. 374).

À oficina de Robert Crosby, sediada em Newcastle-upon-Tyne, foi atribuída uma marca encontrada nas escavações do Mercado da Ribeira, de meados do século XVIII (Pinto *et al.*, 2011, p.45, n.º 13), cronologia concordante com a datação dos contextos de aterro exumados, formados após 1755 (Ferreira, 2015).

Cachimbos ostentando uma mesma marca oval estampada na face direita do forninho, figurando um busto de um indivíduo de origem africana voltado à esquerda e fitomórficos envolvendo-o, foram encontrados num esgoto do Paço dos Lobos da Gama, na cidade alentejana de Évora, onde se atribuiu o exemplar a uma produção

bávara do último quartel do séc. XVII (Lopes & Roque, 2012, p. 207), e em Lisboa, na Rua do Terreiro do Trigo, sem se arriscar a sua origem (Sousa *et al.*, 2020, p. 1777 e figura 3, n.º 9). Várias dezenas de cachimbos idênticos foram encontrados próximo, na escavação do antigo palácio dos condes de Coculim (hoje Eurostar Museum Hotel, também conhecido por armazéns Sommer), num contexto selado do piso térreo datado da catástrofe de 1755. Ainda inédito, atribui-se a este tipo uma origem inglesa e uma datação da primeira metade do século XVIII. Com efeito, este achado lisboeta parece fixar-lhes em definitivo uma cronologia em redor da data do grande terramoto. Já a questão relativa à sua origem carece de mais aturado trabalho, dado que o que se conhece da produção germânica da Baviera não se afigura compatível com a atribuição antes feita (conf. Mehler, 2009) e, em sentido contrário, a morfologia dos forninhos é inglesa, como no Reino Unido se usaram amiúde marcas circulares estampadas na face dos forninhos, conquanto não do mesmo tipo. A atribuição a uma olaria britânica tem, todavia, de ser vista com as devidas cautelas.

Em jeito de síntese, os elementos no momento disponíveis demonstram a precoce aquisição em Lisboa de cachimbos ingleses oriundos dos grandes centros de Londres e Bristol, em data que não pode ser recuada com anterioridade a 1610, difundindo-se o seu uso ao longo do século XVII. Os finais seiscentos e até aos meados do século XVIII permitem constatar um significativo incremento do uso do cachimbo inglês em Lisboa, sendo patente uma maior fragmentação do mercado, verificável pela diversidade de centros abastecedores comprovados, onde Londres e Bristol mantêm aparente ascendência mercantil, mas onde entra em cena uma panóplia geograficamente diversificada de centros fornecedores localizados em portos costeiros, casos de Glasgow, Newcastle, Newport, Hartlepool, Chester e Southampton.

PRODUÇÕES NEERLANDESAS

Os Países Baixos desenvolveram uma notável competência comercial e manufatureira na produção de cachimbos nos séculos XVII e XVIII, em franca concorrência com o outro grande polo, a Inglaterra, a quem suplantaram em certos períodos.

Com um papel fundamental desenvolvido por refugiados ingleses, incluindo oleiros (Hissa & Lima, 2017, p. 235), a produção holandesa inicial seguiu de perto os modelos ingleses mais em voga na primeira metade do século XVII, reproduzindo também as tecnologias de fabrico, o que se reflete nas morfologias dos forninhos, nos punções usados para decorar as hastes ou imprimir no fundo ou lado dos pedúnculos (conjuntos de flores-de-lis, rosas tudor, estrelas, ... - Duco, 1981; 1982; 1987; 2003). Em contrapartida, e apesar de existir fabrico noutras cidades como Amsterdão e Roterdão, a exportação holandesa vai sobretudo concentrar-se numa única e forte corporação sediada em Gouda, criada em 1640 (Duco, 2003; Hissa & Lima, p. 236), que congrega um número muito mais elevado de mestres fabricantes do que os ativos nas várias associações inglesas suas congéneres e contemporâneas.

Num outro sentido, a própria organização do trabalho em Gouda desenvolveu critérios de qualidade mais apertados, que se traduziu no estabelecimento de categorias: “fijne porseleine”, qualidade superior, e “slegt”, menor ou inferior. Esta última surge frequentemente estampada mediante o uso da letra S no arranque do pedúnculo em exemplares holandeses do século XVIII, comumente encimando a impressão das armas da cidade de Gouda.

A representatividade dos cachimbos holandeses de cronologia seiscentista em Lisboa é, todavia, discreta. É possível que, por entre os vários exemplares de haste encontrados estampados com a flor-de-lis na zona mesial estejam representados os fabricos dos Países Baixos, mas sem recurso a análises arqueométricas é impossível discerni-los dos ingleses idênticos.

O exemplar de mais recuada datação e origem holandesa seguras é uma fornalha completa, de filete decorativo a roleta contornando o bordo, e ostentando no fundo do pedúnculo uma marca estampada “rosa tudor” recolhida no Palácio Marialva (Calado *et al.*, 2013, p. 386). Dada a sua morfologia, os mais antigos paralelos datam de cerca de 1630 (Duco, 1982, p. 48) e a marca torna-se mais comum entre 1675 e 1690 (Duco, 1982, p. 111). Do mesmo local provém um outro forninho idêntico que mostra a marca com a “rosa tudor” estilizada, merecendo o mesmo comentário (Calado *et al.*, 2013, p. 385, figura 3).

Os contextos do Palácio Marialva apresentam um outro caso de análise complexa: um forninho completo ostenta na base do pedúnculo estampada a marca em cartela circular PH encimada por estrela de cinco pontas (Calado *et al.*, 2013, p. 385, fig.3). A morfologia equivale ao tipo C da proposta evolutiva avançada por Don Duco (1987, p. 111), situável no lapso 1690-1710. O investigador remete os três modelos de impressão PH com estrela para Pieter Eeling, fabricante ativo entre 1718 e 1732 (Duco, 2003, p. 159), mas a datação é incompatível com a do forninho: sugerimos, por essa razão, e em alternativa, tratar-se de um produto de Pieter Cornelius den Hagenaeer, activo entre 1660 e 1705, conhecido por uma única impressão PH encimada por coroa (Duco, 2003, p. 160), significando deste modo que o modelo encimado por estrela terá sido também usado por este fabricante. Ainda no Palácio Marialva, dois fragmentos conservando o forninho completo, um dos quais evidenciando marca de dois pontos na lateral do pedúnculo, encerram cronologias também de finais do século XVII (Calado *et al.*, 2013, p. 387).

Ao contrário do que acontece para o século XVII, as produções de Gouda surgem com importante representação em Lisboa a partir dos inícios e até meados da centúria de setecentos. Para tal concorre a maior representatividade dos contextos arqueológicos formados nas décadas centrais do século XVIII, por força do grande terramoto de 1755 e das ações subsequentes de reconstrução da cidade, que empacotaram os materiais nas suas estratigrafias, nomeadamente aterros. A lista de impressões oriundas da cidade holandesa com cronologias de 1700/10-1760 é, por consequência, vasta e diversificada, atingindo um número superior a 50 diferentes punções, como é também rico o elenco de mestres fabricantes representados.

A este último propósito, procedemos para o presente trabalho a uma revisão dos dados divulgados de Lisboa feita com base na edição mais atualizada do *corpus* de marcas de Gouda (Duco, 2003), o que permitiu esboçar um elenco de quase 40 fabricantes distintos seguramente atestados na cidade: Willem Lambertsz, Hendrik Nesvelt, Cornelis Kwast (?), Hendrik Pietersz Koll (?) e Jacob ou Jan Weldrager (ou Salomon van der Vin) estão documentados no Mercado da Ribeira; Bastien Oerwewesel (ou Jan Bastiaensz), Pieter Van Reede, Jan Pronk, Gillis Gerrisz de Knippel (ou Franz Willems Soet, Hendrick Spruit ou Jan Abrahamsz de Ver), Cornelis Verhoek, Andries Janse Metfort, Volckie Claes Pick (ou Steven de Jong, Neeltje Gerrits ou Arie Boot), Dick Pietersz (ou Pieter Krijger ou Abraham van den Berg), Pieter Davidtsz (ou Hendrick Hendricksz ou Gerrit Scholten), Reinier Wiljemet, Jacobus de Ronde, Albertuus Damman e Jacobus Gerritsz de Vogel estão presentes no Palácio dos Marialva; (... ?) Wouter(s), Lodewijk Basselaar (ou Jan de Mol ou Hendrik Verburg), Jacob ou Boudewijn Claris, Jan Arijse Eelspeel (ou Jan Hulstpas), Jan Springvelt (ou Jacobus Drost), Kornelis ou Willem van Dabelen, Marthijs Bijl, Marthijs Gerritsz (ou Jacob Noel), e, de novo, Bastien Oerwewesel (ou Jan Bastiaensz) foram registados no Caminho de Ronda 1 / prisão dos soldados do Castelo de

São Jorge. Do Hotel Vincci provem uma marca não constante dos repertórios de Duco (1982, 1987 e 2003) e, de novo, várias marcas de Bastien Owerwiesel (ou Jan Bastiaensz), repetindo as várias ocorrências do Palácio dos Marqueses de Marialva e Caminho da Ronda 1, a que se deve acrescentar um outro exemplar do Pátio dos Linheiros (Bargão & Ferreira, 2013, p. 1052). No palácio dos condes de Coculim (dados inéditos) constam Cornelis Vergeer (ou Leenderte Roos), Anchies van Dick (ou Josua Maartens van Wijk), Jan van Buuren (ou Pieter Zwanenbeng) e, de novo, Bastien Overwiesel. Por fim, na Rua do Terreiro do Trigo se assinalou a presença de produtos de Andries de Vries, Hendrick Kwast, Dominicus van Klaveren (ou Willem Hendricksz van Boksel ou Jan van der Werf), Jan Nieuwveld, Cornelis ou Jacob de Licht e Hage Jaspersz van Klint (Sousa *et al.*, 2020, p. 1786, tabela 1- dados actualizados pelos autores na publicação).

Os dados relativos exportação de cachimbos de Gouda para Lisboa são, portanto, deveras impressionantes, e demonstram que aquele centro foi, de maneira destacada, o principal abastecedor à cidade de Lisboa entre 1700/10-1760.

OUTRAS PRODUÇÕES EUROPEIAS

Disseminada pela Europa ao longo dos séculos XVII e XVIII, a produção de “cachimbos brancos”, reproduzindo mais ou menos fielmente os modelos dominantes britânicos e holandeses, torna difícil o estudo arqueológico dos conjuntos. Se a preservação do forninho, do pedúnculo, a presença de marcas ou decorações e certos tratamentos de superfície específicos (caso dos vidrados) permitem discernir origens, a verdade é que a maioria dos conjuntos recolhidos nos contextos arqueológicos corresponde a fragmentos de haste, revelando-se aqui a mera observação macroscópica insuficiente para a determinação da proveniência do fabrico. Assinale-se que na Rua do Terreiro do Trigo foram exumados 440 fragmentos de haste (Sousa *et al.*, 2020, p. 1777); no Mercado da Ribeira, do conjunto de 909 fragmentos, 773 eram hastes lisas e 92 decoradas (Pinto *et al.*, 2011, p. 43, números completados em Ferreira, 2015, p. 54); no Caminho de Ronda 1 / prisão dos soldados, em 741 porções de haste, apenas 43 ostentavam decoração (Pimenta *et al.*, 2008); no actual Hotel Vincci, nos 82 fragmentos de haste recolhidos, 5 eram decorados (Sousa *et al.*, no prelo); por fim, no Convento dos Inglesinhos, dos 30 fragmentos, somente um preservou os vestígios da decoração (Simão *et al.* 2020, p. 1764). Abre-se a possibilidade, por consequência, de entre os mais de 2.000 fragmentos de haste mostrando pastas caulínicas estudados em Lisboa se encontrarem representadas outras produções europeias, decerto que significativamente minoritárias em função dos dados estudados a partir dos restantes atributos.

Neste sentido, dois fragmentos inéditos de haste em barro caulínico, dotados de vestígios de revestimento parcial a vidro de chumbo verde-amarelado, foram repertoriados entre os achados do Palácio dos Marqueses de Marialva e Hospital Real de Todos-Os-Santos (escavações de 1999/2001). O tipo de tratamento da superfície é comum nas produções da Baviera (Alemanha) dos séculos XVII e XVIII, mas mostram aqui outro tipo de vidrados (Mehler, 2009, p. 262 e 268). Embora a bibliografia tenha permitido cotejar em Bristol o fabrico de cachimbos igualmente setecentistas com o tipo de tratamento externo mais afim ao dos exemplares lisboetas (Peacey, 1996), uma origem francesa permanece admissível na mesma medida, podendo apontarem-se afinidades com, por exemplo, a produção das olarias provençais de Saint Quentin-la-Poterie (Leclaire & Leclaire, 1986).

Fugindo um pouco ao tema do presente texto, do Palácio dos Marqueses de Marialva provém um pequeno fragmento tubular em vidro branco opaco, de secção cilíndrica e perfurado, ainda inédito. Sendo certo que pode equivaler à porção de um qualquer outro tipo de objecto, há a possibilidade de se tratar do fragmento de um cachimbo vítreo oriundo da Península Itálica, provavelmente de Veneza/Murano, onde se elaboraram estes tipos e a que se atribuiu um carácter mais ostentatório que funcional (Levárdy, 1994, p. 61, nota 28), hipótese aliciante e quem bem compaginaria com o espaço habitado pelo Marquês de Marialva até 1755.

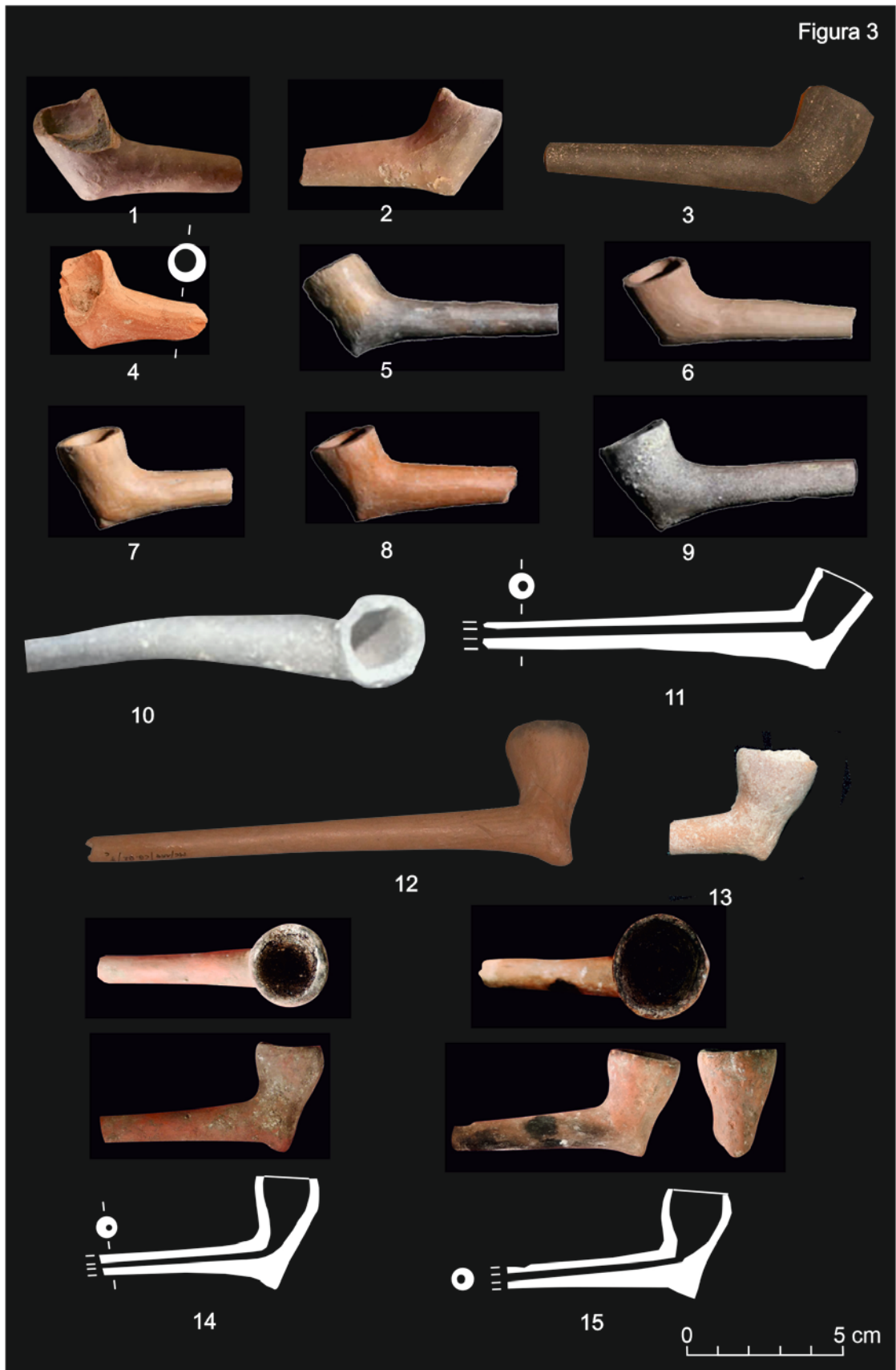


Figura 3. Cachimbos de “barro vermelho” de fabrico de Lisboa: 1, 2 e 4 – Palácio Mesquitela (seg. Simão et al. 2020); 3 – Hospital Real de Todos-Os-Santos (foto do autor RBS); 5 a 11 – Rua Damasceno Monteiro (seg. Oliveira, 2019); 12 – Casa dos Bicos; 13 – Beco do Loureiro (fotos do autor RBS); 14 e 15 – Beco do Espírito Santo (Nozes et al., 2021).

PRODUÇÕES LISBOETAS

O achado de fragmentos de cachimbos em argila caulínica nas estratigrafias da área de dois dos fornos escavados na Real Fábrica de Vidro de Coima, estruturas provavelmente construídas entre 1721 e 1722, induziu Jorge Custódio a propor o fabrico de cachimbos naquele complexo régio, considerando a presença no local de artífices vidreiros oriundos da Grã-Bretanha e Países Baixos e, em especial, a disponibilidade de matéria-prima (argila caulínica) próxima, na zona do Seixal, pois ambos os sítios se localizam na margem esquerda do Estuário do Tejo defronte de Lisboa (Custódio, 2002, p. 219-221). Este seria um fabrico complementar e acessório à produção de vidro, de que os 59 fragmentos de cachimbos “brancos” dariam testemunho (Custódio, 2002, p. 118). É de notar que se aventou, em alternativa, a possibilidade de se tratarem de vestígios de objetos usados pelos artífices vidreiros e seus ajudantes durante o processo produtivo do vidro, hipótese na realidade mais compatível com o achado da maioria dos fragmentos nas caves dos fornos e em contextos de combustão (Custódio, 2002, p.220), como bem apontou André Serdoura, que enfatizou de igual modo a ausência ali de instrumentos de fabrico ou de produtos rejeitados, inacabados, deformados ou sobre-cozidos (Serdoura, 2019, p. 85).

Outro achado merece também a devida menção: dois cachimbos de argila caulínica inéditos, ostentando em relevo cuidado as armas reais de Portugal, foram encontrados na escavação do antigo Largo do Corpo Santo, trabalho arqueológico desenvolvido sob a direcção de António Valongo (2017)⁵, encontrando-se expostos na unidade hoteleira que ali se instalou. Absolutamente idênticos, o que significa terem sido obtidos mediante o uso do mesmo molde, usam um formato de forninho setecentista e, circunstância que ganha algum significado, foram encontrados na imediata proximidade aos restos da residência dos infantes portugueses (Casas do Infantado) ali escavados, local onde residiram ainda príncipes os futuros D. Pedro II e, depois, D. João V. A afinidade formal e estilística dos cachimbos com os fabricos holandeses que ostentam a heráldica da Casa de Orange, elaborados a partir de 1680, mas a partir de 1740 com muito maior cuidado e detalhe na sua elaboração (como acontece com estes exemplares que ostentam as armas reais portuguesas), e, especialmente, com as produções britânicas que exibem a heráldica da Casa de Hannover (referente a George III) e/ou do Príncipe de Gales, datados de c. 1740 em diante (Atkinson & Oswald, 1980, p. 363), sugerem uma cronologia similar. A maior afinidade com as morfologias de forninho britânicas estabelece-lhes uma mais directa filiação. Certo é que esta rara série armoreada portuguesa se trata de uma produção muito circunscrita no tempo e no volume de exemplares compulsados, como se depreende do carácter único do seu achado em toda a cidade. Tratar-se-ia Seria muito provavelmente de uma encomenda régia, não se dispondo no momento dos dados arqueométricos necessários que permitissem distinguir se o fabrico terá sido executado no Reino Unido ou em Portugal por artesão inglês, afigurando-se-nos esta última hipótese a menos plausível, mas a não descartar para já.

Sendo as argilas caulínicas escassas no espaço português continental, e ocorrendo esta matéria-prima com condições de exploração somente na zona do Seixal-Barreiro, já antes mencionada, como também na zona de Aveiro, região igualmente de forte tradição e competência exportadora oleira, o fabrico de cachimbos em barro caulínico no território reinol está por demonstrar no presente.

⁵ Agradece-se aqui ao arqueólogo a autorização para a sua divulgação.

Situação muito diversa é-nos documentada em Lisboa pelo achado frequente de cachimbos elaborados em “barro vermelho” nos contextos arqueológicos da cidade.

O primeiro achado desta natureza foi produzido nas escavações de 1960 do Hospital Real de Todos-Os-Santos (Moita, 1965, p. 75, Estampa XV-212; Martins, 1988), repetindo-se na escavação de 1983 da Casa dos Bicos (Amaro, 1983, p. 263), sem que na ocasião se tenha argumentado da sua origem. Foi a partir dos dados obtidos na escavação do Caminho de Ronda 1 que se começou a sugerir um fabrico local/regional lisboeta, denominando-se de “barro vermelho”, termo amiúde usado na documentação dos séculos XVI ao XVIII para designar as produções oleiras da região de Lisboa, dado terem usado as argilas quartzo-micáceas do Estuário do Tejo, que adquirem mediante cozedura aquela coloração (Pimenta *et al.*, 2008, p. 344).

Para além dos três sítios antes citados, o achado deste tipo de cachimbos repete-se em numerosos outros pontos da cidade, como na Rua dos Correiros, Rua das Pedras Negras (Diogo, 1994, p. 253, n.º 344) e Beco das Barrelas (Oliveira, 2012, p. 185-186), mas também nos palácios dos Marqueses de Marialva (Calado *et al.*, 2013) e Mesquitela (Simão *et al.*, 2020), no Convento de Jesus (uma boquilha- Cardoso, 2017, p. 109 e figura 34, n.º 1), na Rua Damasceno Monteiro (Oliveira, 2019), na Rua do Terreiro do Trigo (Sousa *et al.*, 2020), no Beco do Espírito Santo (Nozes *et al.*, no prelo), no Hotel Vincci (Sousa *et al.*, no prelo) e no Beco do Loureiro (inérito, reutilizado como inerte na argamassa de uma construção de 1773). Na realidade, mantêm-se inéditos numerosos outros achados disseminados pela cidade, demonstrando tratar-se de uma produção verdadeiramente significativa, pese embora sempre minoritária em face das importações europeias congéneres. A título de exemplo, no Palácio dos Marqueses de Marialva, cujas estratigrafias resultam das sucessivas ações havidas no lugar entre meados do século XVII, data da construção do edifício palatino, até 1755, quando ocorre a sua parcial destruição e ulterior abandono, dos 666 fragmentos de haste encontrados na escavação somente 19 são em “barro vermelho”, incluindo uma boquilha (Calado *et al.*, 2013, p. 385); panorama similar ocorre nos contextos mais síncronos, em torno dos meados do século XVIII, do Caminho de Ronda 1/prisão dos soldados, onde dos 817 fragmentos de cachimbo, somente três equivalem ao tipo de “barro vermelho” (Pimenta *et al.*, 2008, p. 336 e 344). A posição francamente minoritária dos cachimbos de “barro vermelho” lisboetas ou lhes denuncia o carácter marginal da produção ou, noutro sentido, os contextos antes cotejados estão sobretudo a refletir os contornos cronológicos das amostragens. Adiante nos referiremos a esta matéria.

Uma outra dimensão do problema deste fabrico em “barro vermelho” respeitava à confirmação, fosse por dados arqueométricos, fosse por dados arqueológicos concludentes, nomeadamente elementos ou contextos de produção, que fixassem de maneira categórica tratar-se de um fabrico de Lisboa ou da sua região.

Afortunadamente, o forte incremento no número de intervenções arqueológicas urbanas vem permitindo identificar numerosas estruturas arqueológicas de olarias de Época Moderna (de cerâmica de “barro vermelho”, cerâmicas finas, faiança, azulejo ou material de construção) e outros contextos estratigráficos que lhes estavam associados, caso dos monturos, escombrelas ou entulheiras onde se depositavam os desperdícios e resíduos resultantes da atividade.

Em intervenção executada em data recente na Rua Damasceno Monteiro n.ºs 11-13, Filipe Oliveira identificou uma sequência estratigráfica potente contendo despejos sucessivos de descartes da produção oleira de faiança portuguesa e cerâmica de “barro vermelho” (incluindo vidrada), onde constava chacota (faiança por pintar e vidrar), caixas de forno (por vezes denominadas cassetes), cravilhos, separadores, como grande quantidade de peças de faiança defeituosas (queimadas, fissuradas, deformadas, coladas, somente pintadas, vidrados incompletos, entre outras situações) (Oliveira, 2019). A sequência estratigráfica e as gramáticas

decorativas das faianças portuguesas nela contida permitiram estabelecer quatro fases distintas das unidades especificamente resultantes do descarte oleiro: a mais antiga situável no 2º quartel do século XVII (“momento II”), outra da segunda metade do mesmo século (“momento III”), outra dos finais de seiscentos (“momento IV”) e a mais recente (“momento V”) já de inícios do século XVIII (Oliveira, 2019, p. 69).

Ora, o investigador publica do local 115 fragmentos de cachimbo de “barro vermelho” demonstrando tratar-se de restos de uma produção ocorrida num local muito próximo. Registe-se a ocorrência entre este espólio de casos de fissura, deformação evidente, sobre-cozimento, falta do polimento que constituía o acabamento, ou até casos de haste não perfurada. Além disso, registe-se a circunstância de nenhum dos 38 fornilhos mostrar vestígios de queimadura resultante do uso (Oliveira, 2019, p. 70).

Num outro sentido, a presença dos cachimbos nos denominados momentos “II” a “IV”, como a notória ausência em “V”, situa a produção de cachimbos revelada na escavação de entre o 2º quartel e os finais do século XVII (Oliveira, 2019, p. 70). Fica desta forma concludente localizada uma produção de cachimbos de “barro vermelho” na própria cidade, junto a esta área de escavação, nomeadamente no sopé do Monte de São Gens, zona integrada nas “olarias ocidentais de Lisboa” (Sebastian, 2010).

A corroborar as indicações cronológicas proporcionadas pela identificação da olaria produtora de cachimbos, nos contextos exumados no Palácio Mesquitela datados de meados e segunda metade do século XVII, pontuam quatro exemplares em “barro vermelho”, dos quais três são fornilhos (Simão *et al.*, 2020, p. 1764). De igual modo, no Beco do Espírito Santo, onde se escavou um edifício com funções hospitalares na Época Moderna ligado à Irmandade do Espírito Santo dos Pescadores e Mareantes de Alfama, as estratigrafias equivalentes à obra de c.1695 revelaram três fornilhos em “barro vermelho” (Nozes *et al.*, no prelo). Também em Alfama, no espaço doméstico do Beco das Barrelas, ocorre um exemplar em “barro vermelho” numa amostragem de cinco cachimbos em contexto da segunda metade do século XVII, quando que nos estratos da fase seguinte, já da viragem para o século XVIII, só estão presentes cachimbos “brancos” (Oliveira, 2012, p. 185-186).

Os contornos cronológicos dos cachimbos de “barro vermelho” estão, portanto, eminentemente centrados no lapso temporal de 1625 ao final desta centúria, pelo que a sua ocorrência em contextos de meados do século XVIII poderá decorrer de circunstâncias tópicas, entre as quais os próprios processos de formação das estratigrafias que os compõem, integrando materiais mais antigos na sua composição.

A observação dos exemplares publicados de Lisboa mostra uma relativa homogeneidade formal, que encerra, contudo, duas variantes de forninho: uma muito homogénea inclui os formatos de tendência troncocónica colados à parte terminal da haste, que assume, na zona de encaixe, uma espessura notavelmente maior, como é patente nos exemplares procedentes do Hospital Real de Todos-Os-Santos (Moita, 1965), Rua dos Correeiros, Rua das Pedras Negras (Diogo, 1994), Rua Damasceno Monteiro (Oliveira, 2019), Palácio Mesquitela (Simão *et al.*, 2020) e, talvez, Hotel Vincci (Sousa *et al.*, no prelo); outra, em que os fornilhos são bem distintos, quase cónicos, e a haste encaixa na parede do forninho um pouco acima da zona pontiaguda da base daquele, fazendo-o de forma bem menos robusta⁶, caso dos achados da Casa dos Bicos (Amaro, 1983),

⁶ Na base disponibilizada em linha pelo Museu de Montemor-O-novo constam 140 fragmentos de cachimbo, onde marcam presença produções holandesas e inglesas dos finais do século XVII e do século XVIII e onde 14 fragmentos de haste são em “barro vermelho” e se apresenta um forninho cónico lisboeta (Retrieved from <https://montemorbase.com/?s=cachimbo> [consultado a 28/01/2022]. Fragmentos em “barro vermelho” seguramente lisboetas haviam sido já assinalados em Alhandra

Beco do Espírito Santo (Nozes *et al.*, no prelo) e Beco do Loureiro (inédito). Que significado se pode atribuir a esta observação? Equivalerão estas diferenças de detalhe tipológico a uma questão cronológica, ou seja, será a variante de forninho cónico mais tardia, de finais do século XVII em função dos dados estratigráficos seguros do Beco do Espírito Santo, ou estará em ação tão-somente um maneirismo oleiro, e assim sendo teríamos mais que uma olaria em Lisboa a fabricar cachimbos de “barro vermelho”?

A produção lisboeta de cachimbos de “barro vermelho” encerra outros significados assaz importantes, como a dimensão cultural e tecnológica. A escolha da matéria-prima e a da própria morfologia geral do objeto demonstram não ter havido qualquer preocupação por parte do oleiro lisboeta em mimetizar os modelos europeus que comprovadamente circulavam já em Lisboa; mais, todo o processo de fabrico é diferente do usado em Inglaterra e Países Baixos, pois não se usa molde para conformar o forninho e parte da haste e admite-se uma grande variação no diâmetro dos orifícios produzidos nas hastes. Isto significa que, não sendo a inspiração declaradamente europeia, podem estar a atuar outros canais de inspiração para o fabrico do modelo de cachimbo lisboeta cuja origem se não consegue vislumbrar no momento, mas que, por hipótese, poderá resultar de processos de transferência cultural brasileira ou africana.

CHIBUQUES OTOMANOS

A produção de forninhos cerâmicos de chibucos ocorre de forma disseminada no Império Otomano em inícios do século XVII, gozando de sucesso até ao definitivo declínio do seu uso nos finais da I Guerra Mundial. Com as suas primeiras elaborações inspiradas pelos mais antigos cachimbos ingleses em argila caulínica, foram primeiramente executados recorrendo a pastas claras, verificando-se uma mudança de gosto nos finais de seiscentos, quando, de forma preferencial e depois dominante, passam a assumir colorações vermelhas e acastanhadas (Al Houdalieh, 2008, p. 459).

O estudo dos numerosos achados do sítio marítimo de Pomegues (Marselha), local usado para quarentena nas navegações mediterrânicas no Sul de França, proporcionou a Philippe Gosse as bases para avançar com uma proposta de distinção entre os fabricos regionais do antigo espaço do Império Otomano, destrinchando entre elaborações balcânicas, egípcias, sírias e turcas, e reposicionando no século XVIII vários sub-tipos antes atribuídos aos séculos XIX e XX em função da sólida base histórica e arqueológica disponível para o sítio (Gosse, 2017).

Refira-se, a título funcional, que em ambiente subaquático em Pomegues se recolheram exemplares de chibucos conservando ainda a sua parte em madeira, que comprovaram o seu uso não só à maneira tradicional otomana, ou seja, usando haste muito longa, mas também com haste curta (< 20 cm) (Gosse, 2017, p. 8).

De Lisboa se publicou um exemplar de chibucos recolhido no Caminho de Ronda 1 (Castelo de São Jorge). De coloração acinzentada escura, mostra um forninho de configuração em prisma hexagonal, com a zona de encaixe da haste de madeira de configuração piramidal. Trata-se de uma conformação para a qual não se conseguiu encontrar paralelo exato, e é com naturais reservas que foi classificado (e se mantém) como de

(Pimenta & Silva, 2019), convindo rever os fabricos lisboetas ou “similares” cuja presença foi assinalada em Setúbal, Palmela e no Castelo de Alcobça- conf. Sousa, 2020, p. 239-244.

origem otomana (Calado *et al.*, 2003, p. 91, prancha 6). São admissíveis outras origens orientais europeias não otomanas, como por exemplo eslavas. A estratigrafia do seu achado encerra uma datação contextual de 1752-1755.

Na frente ribeirinha oriental, na Rua do Terreiro do Trigo, foi identificado um conjunto de oito cachimbos orientais, encontrados numa área muito restrita (Sousa *et al.*, 2020 e 2021). Sete deles são atribuíveis a fabricos turcos setecentistas, sendo homogêneos na sua morfologia, ao passo que o fragmento mais incompleto, o único de forninho decorado por gomos, pode equivaler ao sub-tipo E definido por Philippe Gosse, morfologia enquadrável em inícios do século XVIII (Gosse, 2017, p. 13), hipótese de atribuição que se faz com as devidas reservas.

O enquadramento social de ambos os achados é bem diverso. Se o exemplar recolhido no Caminho de Ronda 1 se conecta diretamente com a esfera militar, pois o espaço equivale à antiga prisão dos soldados no Castelo de São Jorge, o conjunto do Terreiro do Trigo, detetado em aterros da frente ribeirinha e/ou estratigrafias equivalentes a ações executadas nestes, poderá ter-se formado a partir de um descarte circunstancial, cuja origem é, naturalmente, hoje indiscernível.

Inferir a adoção em Lisboa de hábitos otomanos ou similares a partir da ocorrência arqueológica dos chibiques, ou sequer perspetivá-los como testemunho concludente da presença de indivíduos com estas proveniências, afigura-se-nos forçado, tanto mais que é conhecido um outro caso de ocorrência em contexto setecentista em Azamor, no Marrocos atual (Teixeira *et al.*, 2016, p. 182 e 189). Em alternativa, a sua presença pode resultar somente da sua disponibilidade conjugada com os próprios gestos adotados em Lisboa associados ao fumo do tabaco por cachimbo entre 1700-1760, isto é, o comprovado uso dos forninhos recorrendo a hastes em matérias lenhosas, aspeto já notado a partir dos quatro fragmentos de haste de cachimbo “branco” desbastados e afeiçãoados para o encaixe do elemento lenhoso, achados na prisão dos soldados do Castelo de São Jorge (Pimenta *et al.*, 2008, p. 345 e prancha 6, n.ºs 61 a 64).

CONCLUSÕES

O estudo arqueológico dos cachimbos recolhidos em Lisboa reflete, de alguma maneira, o papel que a cidade e o seu porto desempenharam como placa giratória na primeira globalização, afinal a porta de entrada do tabaco na Europa.

A arqueologia portuguesa tem assinalado, em contexto terrestre ou subaquático, a presença de fragmentos de cachimbo nos pontos de apoio à navegação portuguesa para África, Brasil ou Oriente nos séculos XVII e XVIII, seja no Atlântico, como nos arquipélagos de Cabo Verde (Cardoso & Soares, 2010; Silva *et al.*, 2020), Açores (Horta e Angra do Heroísmo) ou Madeira (Funchal e Machico), seja nos portos de primeira ordem de Portugal, casos do Porto-Gaia e Aveiro, ou de outra categoria, como Tavira e Setúbal, ou ainda nos pequenos portos que integravam o sistema do Tejo, como Sesimbra, Cascais, Alhandra ou Alverca (Sousa, 2020, p. 239-244)⁷. Mas a dispersão das ocorrências cobre também outros contextos portugueses mais ou menos afastados

⁷ Na sua dissertação, Miguel Martins de Sousa (2020) produziu um levantamento exaustivo dos achados arqueológicos de cachimbo referenciados para o território atualmente português, devidamente cotejado bibliograficamente, remetendo-se o leitor para a listagem dela constante.

do litoral, como Guimarães, Alcobaça, Montemor-O-Novo, Évora, Moura (Sousa, 2020, p. 239-244) e Castelo de Vide (Cuésta-Gomez *et al.*, 2021, p. 173), e ainda locais periféricos de Lisboa, como Palmela (Sousa, 2020, p.239-244), Mafra (antiga paróquia de Santo André, inéditos), as "Ferrarias del Rey" da Real Fábrica da Pólvora, em Oeiras (Cardoso, 2011, p. 164), ou um moinho de vento em Alfragide, em pleno espaço rural do que é hoje o concelho da Amadora (Martins, 1988).



Figura 4. Locais de Portugal continental de onde se publicaram cachimbos dos séculos XVII e XVIII.

Em síntese, os contextos arqueológicos cobrem um amplo espectro geográfico, demonstrando a vitalidade da aquisição do hábito de fumar cachimbo no período em estudo. Mas cobrem, também, e aqui incluindo os dados referentes a Lisboa cotejados ao longo do presente texto, os enquadramentos sociais que poderiam ser inferidos através das fontes textuais, ou seja, militares, pescadores, mareantes, escravos e alforriados, mas também os espaços religiosos onde o fumo foi atestado e contestado (templos e espaços conventuais, sobretudo masculinos).

O dado arqueológico transcende, todavia, a fonte escrita em termos de leitura social, e é significativa a representatividade atingida em Lisboa pelos cachimbos, quer em espaços nobiliárquicos, como nas Casas do Infantado ao Corpo Santo, nos palácios dos Condes de Coculim, Marquês do Lavradio (um exemplar holandês inédito), Mesquitela e, sobretudo, Marialva, quer em ambientes domésticos e de status social médio ou até superior, de que os edifícios do Beco das Barrelas, Rua dos Correeiros, Rua das Pedras Negras, Rua de São Mamede ao Caldas, Rua da Saudade, Rua de São Julião e Rua do Comércio (Sousa, 2020, p. 239-244) dão testemunho, a que se poderia acrescentar a Rua do Vale, onde se verificou o achado de quatro fragmentos de haste setecentistas em barro caulínico em contextos posteriores (Leão, 2021, p. 101).

Os ritmos da difusão do hábito de fumar surgem-nos denunciados em Lisboa pela expressão quantitativa que se pode induzir dos exemplares classificáveis quanto à origem e cronologia. Assim, e em função dos limitados dados disponíveis, parece existir em Lisboa uma primeira etapa no aprovisionamento à cidade em que se verifica uma preponderância inglesa, que decorre entre a primeira metade do século XVII e até aos finais do século. É curioso assinalar que é precisamente neste período que ocorre a produção lisboeta de cachimbos de “barro vermelho”. Foi sugerido que a iniciativa deste fabrico poderá ter constituído a solução para fornecer uma alternativa acessível às populações menos capacitadas economicamente (Calado *et al.*, 2003, p.91; Oliveira, 2019, p. 72). Os dados arqueológicos elencados parecem desmentir esta proposta, e deverá acrescentar-se que o próprio tabaco a consumir seria, decerto, bem mais dispendioso do que o próprio cachimbo. Outras explicações afiguram-se mais plausíveis: por um lado, porque o hábito de fumar se disseminava quando Portugal enfrentava dificuldades no seu relacionamento comercial com a Inglaterra e a Holanda, resultantes do quadro político (a monarquia ibérica), por outro, porque o modelo de cachimbo lisboeta seiscentista poderá encerrar filiação distinta, fatores não mutuamente exclusivos e que podem melhor explicar o fenómeno produtivo oleiro.

A partir dos finais do século XVII-inícios do século XVIII o consumo de cachimbos aumenta de forma notória na cidade. É certo que Lisboa regista assimetrias de representatividade cronológica nas suas estratigrafias, onde desempenha um papel determinante a catástrofe de 1755 e as suas profundas consequências urbanísticas, como já fizemos alusão. De facto, é significativo registar a genérica maior representatividade relativa dos cachimbos seiscentistas nas partes do tecido urbano menos alteradas após 1755, por oposição aquelas onde as alterações se produziram, o que possibilitou a formação de estratigrafias de data setecentista, incluindo as geradas pela catástrofe de 1755. Em relação a este último aspeto, dois casos lisboetas merecem uma menção especial, pela sua excecionalidade: o sítio do Hotel Vincci e o antigo palácio dos condes de Coculim.

No primeiro, muito afetado pelas obras da reconstrução pombalina, se escavaram os restos de um espaço doméstico e/ou comercial, que se integrava numa das duas principais artérias comerciais da cidade de Lisboa pré-terramoto, a Rua Nova dos Mercadores. Um pátio e um compartimento pavimentado a tijoleira foram identificados na escavação, qualquer deles preservando sobre os pavimentos um estrato resultante do incêndio

que lavrou nos primeiros dias de Novembro de 1755. Entre os achados recolhidos na escavação contava-se um conjunto de 106 fragmentos de cachimbo em barro caulínico, dos quais 16 forninhos. Todos os fragmentos de cachimbo mostravam os vestígios da sua exposição a fogo e, no caso dos forninhos, nenhum deles mostrava o lado interior queimado, significando que nunca foram usados. Nove dos forninhos eram ingleses, isentos de marca, e os restantes sete holandeses, todos ostentando marcas de oficina: um deles mostrando na base do pedúnculo uma marca não repertoriada por Duco (1982, 1987, 2003) e as armas de Gouda na laterais daquele, os restantes seis todos com a marca B coroado na base do pedúnculo, atribuível a Bastien Overwesel, activo entre 1737 e 1783 (Duco, 2003, p. 151), quatro dos quais ostentando também dos lados do pedúnculo as armas de Gouda e a letra S (slegt). O conjunto dos dados parece compatível, portanto, com um resto de estoque comercial armazenado no espaço, congelado no tempo pela catástrofe de 1755 (Sousa *et al.*, no prelo). O contexto tem paralelo estreito em Portugal naquele exumado na Rua Mouzinho da Silveira, nº 208-214, na cidade do Porto, onde constam 1.120 fragmentos conservando o forninho cobrindo do século XVII avançado ao XVIII, parte dos quais interpretados como equivalente a uma encomenda de cachimbos holandeses destinada à revenda na cidade e depois descartada, encontrados em associação a uma oficina metalúrgica (Serdoura, 2019, p. 143-144).

O segundo caso lisboeta, do Palácio dos Condes de Coculim, em 1755 na posse de D. Fernando José de Mascarenhas, 4º Marquês de Fronteira, 5º Conde da Torre e 5º Conde de Coculim. O edifício sofreu uma destruição profunda com o Grande Terramoto, salvando-se partes do primeiro piso e, sobretudo, o piso térreo, as denominadas lojas, espaços usados neste tipo de construções para o armazenamento e atividades comerciais. Ora, as profundas remodelações sofridas no pós-terramoto selaram parte das estratigrafias geradas aquando do cataclismo no piso térreo, exumadas arqueologicamente em 2004. Nessas escavações se identificou um contexto único em Lisboa, pois numa das áreas reconhecida sobre o pavimento a base circular carbonizada de um pequeno barril e, a seu lado, os restos carbonizados de uma caixa retangular: concentrados na mesma área que estes, envoltos num caos de matéria carbonizada e cinzas, dispunham-se muitas dezenas de fragmentos de cachimbos em barro caulínico. Trata-se, por consequência, de mercadoria ainda embalada, surpreendida pelo incêndio que lavrou em Novembro de 1755, contexto do maior interesse para o conhecimento da comercialização dos cachimbos⁸. Ainda inédito, desconhece-se a composição global do conjunto, onde marcam presença o que julgamos serem cachimbos ingleses ostentando uma marca oval em relevo na lateral direita do forninho, com um busto de um individuo de origem africana rodeado por fitomórficos, a par de produções holandesas de Gouda assinadas por Cornelis Vergeer (ou Leenderte Roos), Anchies van Dick (ou Josua Maartens van Wijk), Jan van Buuren (ou Pieter Zwanenbeng) e, de novo, Bastien Overwesel, também atestado como mercadoria em estoque no Hotel Vincci.

A inferência a retirar de ambos os casos arqueológicos lisboetas é a de “mercadoria em trânsito”, isto é, de estoques que tinham saído do produtor mais ainda não tinham chegado ao consumidor, se comercializando indistintamente nos mesmos espaços comerciais, nesta fatídica data de 1755, «cachimbos de gesso» de origem tanto holandesa como inglesa. É esse o perfil de consumo que observamos no contexto coevo da prisão dos soldados, formado entre 1752 e 1755 (Pimenta *et al.*, 2003), com uma repartição equilibrada entre as

⁸ As embalagens a partir dos centros de produção em barril, ou em caixa, com destino ao transporte marítimo estão frequentemente referenciadas na documentação europeia (vide, por exemplo, Horton *et al.*, 1987, p. 240, 241 e 248).

importações britânicas, que acusam sempre uma elevada diversidade de origens, e as holandesas, exclusivamente oriundas da cidade de Gouda.



Figura 5. Centros produtores de “cachimbos de gesso” Ingleses, Escoceses e Holandeses dos séculos XVII e XVIII comprovadamente atestados arqueologicamente em Lisboa.

Assoma, em conclusão, que a catástrofe de 1 de Novembro de 1755 surpreendeu Lisboa num momento manifestamente florescente do hábito de fumar cachimbo, mas também das suas relações comerciais, circunstância que constitui um caso arqueológico singular no panorama da Arqueologia Histórica, pois trata-se da única capital imperial europeia transformada em amplo sítio arqueológico. É esta condição que a transforma, também, num elemento chave para a leitura da «Cultura do Tabaco» no quadro histórico do Império Português, como um caso de estudo da maior valia para o estudo dos cachimbos entre o século XVII e os meados do século XVIII.

REFERÊNCIAS

- Al-Houdalieh, S. H. A. (2008). Ottoman clay tobacco pipes. *Liber Annuus Studium Biblicum Franciscanum*, 58. 455-477.
- Alexander, L. T. (1983). Clay tobacco smoking pipes from the Caleb Pusey House. In Davey, P. (ed.) *The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe, VIII- America* (p.195-233). Oxford: British Archaeological Reports (International Series; 175).
- Amaro, C. (1983). XX Séculos de Arqueologia e História. *Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento. XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. Casa dos Bicos* (p.251-264). Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros.
- Atkinson, D. R. & Oswald, A. (1969). London Clay Tobacco Pipes. *Journal of the British Archaeological Association*, S.3 (32). 171-227.
- Atkinson, D. R. & Oswald, A. T. (1980). The Dating and Typology of Clay Pipes Bearing the Royal Arms'. In Davey, P.J. (ed.) *The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe, III- Britain: the North and West* (p.363-391). Oxford: Council for British Archaeology (BAR British Series, 78).
- Bargão, A. & Ferreira, S. C. (2013). Pátio Linheiro, Largo dos Trigueiros: um exemplo da Lisboa seiscentista. In Arnaud, J.M., Neves, C. & Martins, A. (eds.) *Arqueologia em Portugal: 2017 - Estado da Questão* (p.1049-1055). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Bettencourt, J.; Brazão, A.; Chouzenoux, C.; Fonseca, C.; Pinto, M.; Silva, T.; Carvalho, P.; Freire, J. & Coelho, I. P. (2013). *Relatório do registo e avaliação dos navios Boavista 1 e Boavista 2, descobertos durante a construção da nova sede corporativa do grupo EDP (Avenida 24 de Julho, Lisboa)*. Lisboa: CHAM-Centro de História de Além-Mar. Retrieved from <https://www.researchgate.net/publication/324798439>.
- Bluteau, R. (1721). *Vocabulário portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichtyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, ortographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, tecnologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos*, vol. V. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Iesu.
- Calado, M.; Pimenta, J. & Silva, R.B. (2003). Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho de Ronda no Castelo de São Jorge em Lisboa. *Património Estudos*, 5. 83-95.
- Calado, M.; Pimenta, J.; Fernandes, L. & Marques, A. A. (2013). Os cachimbos cerâmicos do Palácio Marialva. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16. 383-392.
- Cardoso, J. L. (2011). *Arqueologia do Concelho de Oeiras. Do Paleolítico Inferior arcaico ao século XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

- Cardoso, J. L. (2017). Primeira evidência das vítimas do terramoto de 1755 na cidade de Lisboa comprovada pelas escavações arqueológicas realizadas no antigo Convento de Jesus. In Telles-Antunes, M. & Cardoso, J.L. (eds.) *Testemunhas do Caos: As Faces do Terramoto de 1755* (p. 89-126). Lisboa: Academia das Ciências.
- Cardoso, J. L. & Soares, A. M. M. (2010). A estação arqueológica de Salamansa (ilha de São Vicente, República de Cabo Verde). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 13. 167-214.
- Costa, L. F. & Salvado, J. P. (2018). Consumo, inovação organizacional e fiscalidade do tabaco em Portugal (1701-1803). In *El tabaco y la esclavitud en la rearticulación imperial ibérica (s. xv-xx)*. Évora: Universidade de Évora (Publicações do Cidehus,8). doi.org/10.4000/books.cidehus.6174.
- Cuésta-Gomez, F.; Prata, S. & Magusto, J. (2021). Num buraco no chão vivia... uma história. Arqueologia dos silos medievais e modernos de Castelo de Vide: do armazenamento às lixeiras. In Costa, A.M. & Prata, S. (eds.) *Pequenas cidades no tempo. O ambiente e outros temas* (p. 151-180). Lisboa: Instituto de Estudos Medievais (Coleção Estudos, 23).
- Custódio, J. (2002). *A Real Fábrica de Vidros de Coima 1719-1747 e o vidro em Portugal nos séculos XVII e XVIII – Aspectos Históricos, tecnológicos, artísticos e arqueológicos*. Lisboa: IPPAR.
- Diogo, A. D. (1994). 344. Cachimbos. In Arruda, A.M. (coord.) *Lisboa Subterrânea* (p. 253). Lisboa: Electa, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa Capital Europeia da Cultura '94.
- Duco, D. H. (1981). The Clay Tobacco Pipe in Seventeenth Century Netherlands. In Davey, P. (ed.) *The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe: V-Europe, 2* (p.368-468). Oxford: Council for British Archaeology (BAR International Series 106-ii).
- Duco, D. H. (1982). *Merken van Goudse pijpenmakers 1660-1940*. Poperinge: Uitgeversmaatschappij De Tijdstroom Lochem.
- Duco, D. H. (1987). *De Nederlandse Kleijpipj Handboek voor daterenen en deternierenm*. Amsterdam: Pijpenkabinet.
- Duco, D. H. (2003). *Merken en merkenrecht van de pijpenmakers in Gouda*. Amsterdam: Pijpenkabinet.
- Ferreira, S. C. (2015). O sítio do forte de São Paulo: estudo arqueológico da Ribeira Ocidental de Lisboa na época moderna (unpublished master's thesis). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.
- Ferreira, S.C.; Silva, R.B. & Bargão, A. (2020). Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa. In Arnaud, J.M. & Martins, A. (eds.) *Arqueologia em Portugal 2020-Estado da Questão* (p.1747-1760). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Figueirôa-Rego, J. (2014). “A Grande Devassidão que há nos Conventos Regulares em serem Velhacouto dos Descaminhos do Tabaco”. As Instituições Monásticas e o Contrabando Tabaqueiro (Séculos XVII e XVIII)”. In Luxán, S. (dir.) *Política y Hacienda del Tabaco en los Imperios Ibéricos (Siglos XVII-XIX)* (p.91-132). Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales.
- Figueirôa-Rego, J. (2015). “Escravos do fumo”: Notas sobre a escravatura no contexto tabaqueiro: Bahia, Costa da Mina e Angola (séculos XVII-XIX). In Luxán, S.; Figueira-Rêgo, J. & Sanz Rozalén, D. V. (Eds.) *Tabaco e escravos nos impérios ibéricos* (p.87-107). Lisboa: CHAM - Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores(Coleção Estudos & Documentos, 24).
- Gosse, Philippe (2017)-. *Les Pipes De La Quarantaine: Fouilles du port antique de Pomegues (Marseille)*. Oxford: Archaeopress (The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe, XIX).
- Higgins, D. A. (2014). Clay Tobacco Pipes from Excavations in Southampton's French Quarter. In Higgins, D.A.& White, S. (eds.) *Clay Pipe Research 3* (p. 127-161). Waladey: Society for Clay Pipe Research.
- Hissa, S. B. & Lima, T. A. (2017). Cachimbos europeus de cerâmica branca, séculos XVI ao XIX: parâmetros básicos para análise arqueológica. *Anais do Museu Paulista*, 25 (2). 225-226.

- Hissa, S. B. V. (2018). *O petyn no cachimbo branco: arqueologia e fumo nos séculos XVII ao XIX* (unpublished PhD thesis). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- Horton, M. C.; Higgins, D. A. & Oswald, A. (1987). Clay Tobacco Pipes from the Scottish Darien Colony (1698-1700). In Davey, P. (ed.) *The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe, X*. (p.239-252). Oxford: Council for British Archaeology (BAR British Series, 178).
- Jackson, R. & Price, R.H. (1974). Bristol Clay Pipes a study of makers and their marks. *Research Monograph*, 1. 82-89.
- Kleij, P. (1997). The identification of a ship's place of departure with the help of artefacts. In Redknap, M. (ed.) *Artefacts from Wrecks. Dated Assemblages from the Late Middle Ages to the Industrial Revolution* (p. 181-190). Oxford: Oxbow Books (Monograph, 84).
- Le Chaminant, R. (1981). Clay pipes bearing the Prince of Wales' feathers. In Davey, P. (ed.) *The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe VI- Pipes and kilns in the London region* (pp. 92-101). Oxford: Council for British Archaeology (BAR British Series, 97).
- Leclaire, A. & Leclaire, M. (1986). *Naissance de la pipe en terre a Saint Quentin-la-Poterie*. Saint Quentin-la-Poterie: Atelier de L'Office Culturel.
- Leite, S. (1956). *Cartas dos primeiros Jesuítas do Brasil*, 1. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.
- Leão, A. G. (2021). Arqueologia de um Espaço Doméstico Lisboaeta: a Rua do Vale entre o Final do Século XIX e o Início do Século XX (unpublished masters' thesis). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.
- Levárdy, F. (1994). *Our Pipe Smoking Forebears*. Budapest-Pécs-Velburg: Druckhaus Oberpfalz.
- Lyster-Franco, G.; Serrão, E.C.; Guerreiro, M.E. & Afonso, A. (1984/88). Escavações no antigo Hospital da Confraria do Espírito Santo dos Pescadores e Mareantes de Sesimbra. *Arqueologia e História*, S.10 (1-2), In *Memoriam D.Fernando de Almeida*. 157-185.
- Lopes, G. & Roque, C. (2012). A intimidade palaciana no século XVII: objectos provenientes de um esgoto do Paço dos Lobos da Gama (Évora). In Teixeira, A & Bettencourt, J. (eds.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, 1 (p.201-208). Lisboa: CHAM-Centro de História de Além-Mar (ArqueoArte; 1)..
- Luxán, S. (dir.) (2014). *Política y Hacienda del Tabaco en los Imperios Ibéricos (Siglos XVII-XIX)*. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales.
- Luxán, S.; Figueirôa-Rego, J. & Sanz, V. (dir.) (2015). *Tabaco e escravos nos impérios ibéricos*. CHAM - Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar da FCSH-Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores (Coleção Estudos & Documentos, 24). Retrieved from <http://hdl.handle.net/10362/18461>
- Martins, M. (1988). Três cachimbos de Barro do Hospital de Todos-os-Santos. Lisboa. *Revista Municipal*, S.2 (23). 16-18.
- Martins, M. (1995). Um Fragmento de tubo de Cachimbo da Secção II, Contexto n.º 8, do Moinho de Alfragide (MV-21.07) (Amadora). In Abraços, H.C. & Diogo, J. (eds.) *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo (Tondela, 1995)* (p.365-366). Tondela: Câmara Municipal de Tondela.
- Mehler, N. (2009). The archaeology of mercantilism: clay tobacco pipes in Bavaria and their contribution to an economic system. *Post-medieval Archaeology*, 43(2). 261-281.
- Moita, I. (1964). Hospital Real de Todos-os-Santos I-II. Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960). *Revista Municipal*, 101/104. 46-100.
- Moita, I. (1965). Hospital Real de Todos-os-Santos III. Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960. *Revista Municipal*, 106/107. 7-57.

- Moita, I. (1966a). Hospital Real de Todos-os-Santos IV. Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960. *Revista Municipal*, 108/109. 7-55.
- Moita, I. (1966b). Hospital Real de Todos-os-Santos – III. Relatório das escavações a que mandou proceder a C.M.L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960. *Revista Municipal*, 110/111. 41-59.
- Noel-Hume, A. (1963). Clay Tobacco Pipe Dating in the Light of Recent Excavations. *Quarterly Bulletin of the Archaeological Society of Virginia*, 18 (2). 22-25.
- Nozes, C.; Sousa, M. M.; Bargão, A.; Ferreira, S. C.; Pimenta, J.; Silva, R. B. & Miranda, P. (no prelo). Objectos singulares seiscentistas do Beco do Espírito Santo (Santa Maria Maior) e a expressão material dos pescadores e mareantes lisboetas de Alfama. In Marques, A.A., Nozes, C., Santos, V. (eds.) *III Encontro de Arqueologia de Lisboa-Arqueologia na cidade (Teatro Aberto, 18 e 19 de novembro de 2021)*. Lisboa: CAL-Centro de Arqueologia de Lisboa.
- Oliveira, F. S. (2012). *Espólio de Idade Moderna, proveniente do Beco das Barrelas, Alfama, Lisboa* (unpublished master's thesis). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.
- Oliveira, F. S. (2019). Produção de cachimbos de barro na Rua Damasceno Monteiro (Olarias de São Gens), Lisboa – um contributo para o seu estudo. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 13. 67 -73.
- Oliveira, J. T. (1975). *História do Estado do Espírito Santo*. Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo.
- Oswald, A. (1975). *Clay Pipes for the Archaeologist*. Oxford: Council for British Archaeology (BAR, 14).
- Peacey, A. (1996). *The Development of the Clay Tobacco Pipe Kiln in the British Isles. The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe, XIV*. Oxford: Council for British Archaeology (BAR-British Series, 246).
- Pereira, A. L. (2003). Cachimbos cerâmicos do século XVII da Casa do Infante (Porto). In Diogo, J. M. & Abraços, H. C. (eds.) *Actas das 3as. Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e resultados para o seu estudo (Tondela, 1997)*. (253-269). Tondela: Câmara Municipal de Tondela.
- Pimenta, J.; Calado, M. & Silva, R. B. (2008). Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho da Ronda no Castelo de São Jorge, Lisboa. In Abraços, H. & Diogo, J. (Eds.) *Actas das 4as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo (Tondela, 2000)* (p.335-353). Tondela: Câmara Municipal de Tondela.
- Pimenta, J. & Silva, R. B. (2019). Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Centro de Saúde de Alhandra. *Cira-Arqueologia*, 7. 252-258.
- Pinto, M.; Filipe, I. & Miguel, L. (2011). Cachimbos de caulino provenientes do Mercado da Ribeira: contributo para a história socio-económica da Lisboa Moderna. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 7. 41-47.
- Price, R. (1984). Distinguishig 'R. Tippet' Pipes. *Clay Pipe Research*, 1. 5-6.
- Price, R. (2014). *Bristol Pipemakers and their Families, of the 16th to 20th Centuries* (Unpublished ongoing research on CD) (consultável presencialmente no Bristol Record Office).
- Saletto, N. (1998). *Donatários, colonos, índios e jesuítas: o início da colonização do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público Estadual (Coleção Canaã, 4).
- Salvado, J. P. (2014). O estanco do tabaco em Portugal: contrato geral e consórcios mercantis (1702-1755). In Luxán, S. (ed.), *Política y hacienda del tabaco en los Impérios Ibéricos (siglos XVII-XIX)* (p. 133-153). Madrid: Centro de Estudios Políticos y Institucionales.
- Sebastian, L. (2010). *A produção oleira de Faiança em Portugal (séculos XVII-XVIII)* (unpublished PhD thesis). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.
- Serdoura, A. F. M. L. A. (2019). *Cachimbos de caulino. A sua importância nos contextos arqueológicos (séculos XVI-XX)* (unpublished master's thesis). Universidade do Porto. Porto.

- Silva, A. M. B. (1986). *A «Censura do Tabaco» do P.e jerónimo da Mota e dois escritos de Ribeiro Sanches*. Braga: Universidade do Minho e Arquivo Distrital de Braga.
- Silva, R. B.; Pimenta, J. & Amaro, C. (2020). Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde). In Arnaud, J.M. & Martins, A. (eds.) *Arqueologia em Portugal 2020-Estado da Questão* (p. 1781-1800). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Simão, I.; Miguez, J.; Macedo, M.; Freitas, T.; Fonseca, C. & Bettencourt, J. (2017). Da Ribeira Velha ao Campo das Cebolas. Alguns dados sobre a evolução da frente ribeirinha de Lisboa. In Arnaud, J.M., Neves, C. & Martins, A. (eds.) *Arqueologia em Portugal: 2017 - Estado da Questão* (p.1901-1913). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Simão, I.; Pinto, M.; Pimenta, J.; Ferreira, S.C.; Bargão, A. & Silva, R.B. (2020). Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos (Lisboa). In Arnaud, J.M. & Martins, A. (eds.) *Arqueologia em Portugal 2020-Estado da Questão* (p.1761-1773). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Sousa, M. M. (2020). *As evidências dos Estados Alterados de Consciência no registo arqueológico da Idade Moderna em Portugal* (unpublished master's thesis). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.
- Sousa, M. M.; Henriques, J. P. & Filipe, V. G. (2020). «Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta». Estudo de Cachimbos provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa. In Arnaud, J.M. & Martins, A. (eds.) *Arqueologia em Portugal 2020. Estado da Questão* (p.1775-1786). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Sousa, M. M.; Henriques, J. P. & Filipe, V. G. (2021). Two Types of Smoking Pipes and a Global Perspective in Rua do Terreiro do Trigo, Lisbon. In Blazkova, G. & Matejková, K. (eds.) *Europa Postmediaevalis 2020: Post-medieval pottery in the spare time* (p.83-98). Oxford: Archaeopress.
- Sousa, M. M.; Bargão, A.; Ferreira, S. C.; Pimenta, J. & Silva, R. B. (no prelo). Os cachimbos cerâmicos do sítio do Hotel Vincci (Santa Maria Maior). In Marques, A.A., Nozes, C., Santos, V. (eds.) *III Encontro de Arqueologia de Lisboa-Arqueologia na cidade (Teatro Aberto, 18 e 19 de novembro de 2021)*. Lisboa: CAL-Centro de Arqueologia de Lisboa.
- Teixeira, A.; Karra, A.; Carvalho, P. (2016). Le quotidien de la ville d’Azemmour à l’époque moderne: étude des contextes archéologiques. *Arqueologia Medieval*, 13. 171-192.
- Walker, I. C. (1971a). *The Bristol Clay Tobacco-Pipe Industry*. Bristol: City Museum.
- Walker, I. C. (1971b). Some Notes on the Westminster and London Tobacco-Pipe Makers’ Guild. *Transactions of the London and Middlesex Archaeological Society*, 23. 78-89.
- Walker, I. C. (1976). *An Archaeological Study of Clay Pipes from the King's Bastion, Fortress of Louisbourg*. Otava: Department of Indian Affairs and Northern Development, National and Historic Parks Branch, National Historic Sites Service Retrieved from <http://parkscanadahistory.com/series/chs/2/chs2-3e.htm>
- Valongo, A. (2017). Rua do Arsenal 148, Lisboa. Resultados da escavação arqueológica. In Arnaud, J.M., Neves, C. & Martins, A. (coord.) *Arqueologia em Portugal 2017: estado da questão* (p.1551-1565). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Viotti, A. C. C. (2020). As virtudes medicinais do tabaco, a “erva santa”, descritas por um missionário europeu no Oriente (c. século XVI). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 15(1). Retrieved from <http://hdl.handle.net/11449/212102>